

A propósito do depósito de Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo: a baixela romana tardo-republicana em bronze no extremo ocidente peninsular

CARLOS FABIÃO

Em homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida

R E S U M O

Apresenta-se uma primeira tentativa de inventário dos elementos da baixela romana tardo-republicana em bronze, no extremo ocidente peninsular, mais concretamente na área hoje portuguesa. O inventário sublinha a expressiva presença destas peças em contextos de habitat, contrariamente ao que sucede na Península Itálica e outras áreas europeias, onde as necrópoles conservam a maioria dos achados. De entre os elementos identificados, a par dos artefactos de ampla circulação, assinala-se a expressiva presença de um tipo de asa (?) não documentada nos trabalhos que habitualmente tratam deste tipo de objectos, ainda que tal não signifique necessariamente tratar-se de um produto local.

Independentemente dos possíveis locais de fabrico dos distintos objectos, que só investigações arqueométricas poderão esclarecer, parece evidente que a aquisição dos elementos de baixela metálica se deve associar ao fenómeno geral da romanização e, concretamente, à aquisição e assimilação de um conjunto de hábitos de consumo. Neste particular, é importante registar as presenças em locais associados à presença dos exércitos romanos, mas também nos aglomerados indígenas onde nada indica que fossem utilizados por gentes exteriores às populações locais.

Os poucos dados cronológicos disponíveis sugerem uma difusão de sul para norte e do litoral para o interior, como seria de esperar, o que, por sua vez, sublinha claramente as lacunas da informação disponível.

A B S T R A C T

A preliminary inventory of the Roman republican bronze vessel elements from the westernmost part of Iberian Peninsula is presented. These elements were found in settlements, contrary to the record of similar finds in Italian Peninsula and other European areas, where they mostly come from burial deposits. Besides the well known types, a new kind of handle was recorded. Whether this implies a local production is, however, uncertain.

e um fragmento de molde para asas de sítula, de um tipo amplamente documentado no Ocidente peninsular e, sobretudo, no Noroeste (Almeida, 1980a, 1980b, 1982) — o que reforça a ideia de ter existido uma produção de objectos metálicos nesta área. Embora todas as peças de bronze tenham sido publicadas em conjunto, as informações obtidas no local permitiram determinar que se encontravam, de facto, em dois grupos distintos, aspecto que foi bem sublinhado por Carlos Alberto Ferreira de Almeida — “*Segundo nos disse o possuidor dos objectos que assistiu ao seu achamento, havia dois conjuntos, certamente escondidos pela mesma pessoa, mas em momentos diferentes. O primeiro, um pouco mais superficial, foi descoberto pela escavadora e constava de dois capacetes (...) Cerca de dois palmos a norte, e um pouco mais fundo, encontrou-se, depois de buscas manuais, outro conjunto de objectos de bronze que constava de restos de duas sítulas e três copos de bronze. Na terra remexida aparecia depois uma machada de ferro, um fundo de coador e um dupôndio talvez de Carisius (...)*” (Almeida, 1980a, p. 245).

Esta distinção no ocultamento estende-se, aliás, às propostas sobre eventuais locais de fabrico. Para os capacetes foi proposto um fabrico local/regional, pelas semelhanças que patenteiam com outras peças encontradas no Noroeste peninsular (Almeida, 1980a, 1980b), proposta que vem sendo consensualmente aceite (Silva, 1986, p. 181; García-Mauriño Múzquiz, 1993, p. 143; Quesada Sanz, 1997, p. 563-564). Pelo contrário, para os copos sugeria-se um fabrico exógeno, provavelmente itálico (Almeida, 1980a, p. 250-251), ainda que se possa aceitar também a possibilidade de se tratar de fabricos locais, reproduzindo protótipos itálicos, como foi posteriormente sugerido (Silva, 1986, p. 173-174).

Deve sublinhar-se, pois, a correcta avaliação tecnológica e cronológica dos achados, avançada por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, apesar das dificuldades que os artefactos metálicos habitualmente suscitam aos investigadores — esta não foi, diga-se, a primeira incursão do autor nos complexos meandros do estudo da baixela metálica, uma vez que tinha já consagrado um importante estudo ao *oinochoe* de Vila Marim, onde evidenciara já uma invulgar capacidade para tratar estes temas (Almeida, 1972).

Deixando de parte os capacetes de Castelo de Neiva, julgo que merece uma particular atenção a questão dos restantes elementos metálicos, particularmente o conjunto dos copos e coador, por se relacionarem com uma família de artefactos, a chamada “baixela tardo-republicana” de bronze, particularmente interessante para o estudo do processo de romanização na Península Ibérica (v. Fig. 1).

2. A baixela tardo-republicana de bronze na bibliografia peninsular

Como recentemente foi sublinhado numa importante mesa-redonda temática, realizada em Lattes (*La vaisselle tardo-républicaine en bronze*, Lattes, 1990), o estudo da baixela metálica tardo-republicana não tem conhecido a atenção que merece. De facto, para lá dos estudos de autores germânicos e britânicos, pouca atenção tem sido concedida a estes materiais (Feugère, 1991a). Por outro lado, o facto de se conhecerem peças recolhidas em contextos europeus do *La Tène* tardio tem orientado as discussões para domínios e temas que não serão por certo os mais interessantes e relevantes para a abordagem das questões suscitadas pelos exemplares hispânicos.

Aproveitando as preciosas indicações fornecidas pelas *Actas* da referida mesa-redonda, tentarei propor, aqui, um primeiro esboço de inventário dos elementos de baixela metálica tardo-republicana, inserindo-os no contexto da problemática da romanização da Península Ibérica, procurando rectificar leituras que me parecem menos correctas e propondo hipóteses de trabalho para o seu real enquadramento, apesar das enormes limitações da informação disponível. Interessa tal-

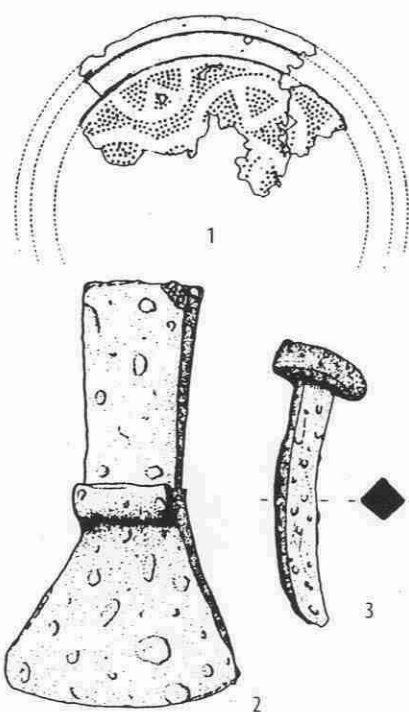
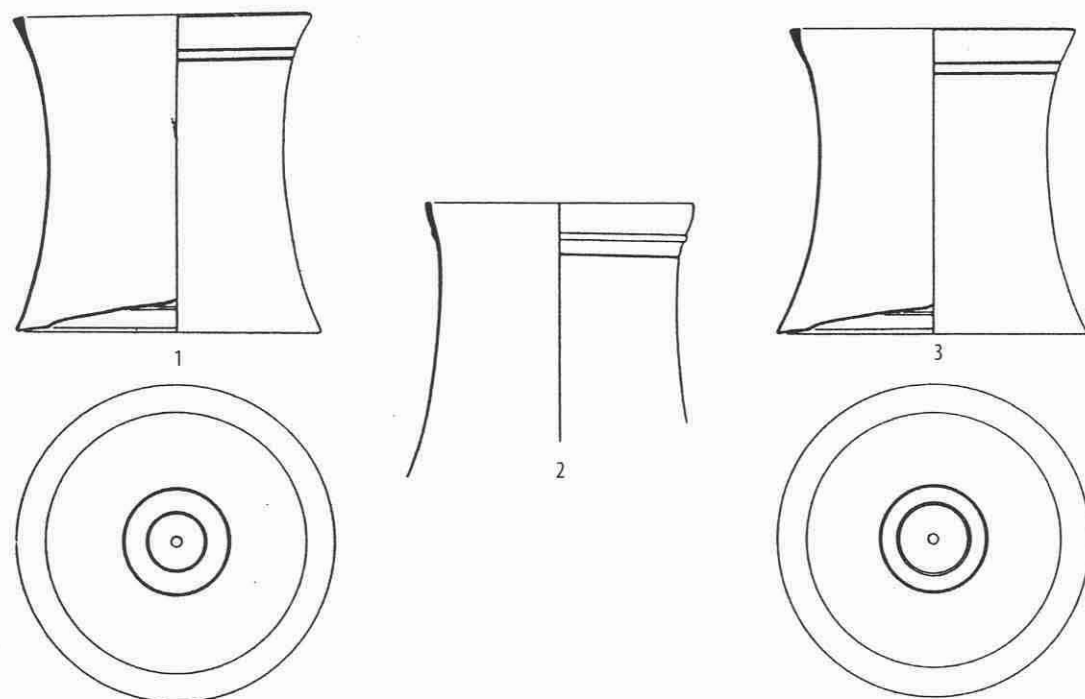


Fig. 1 Materiais do depósito de Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo, segundo Almeida, 1980a.

vez começar por analisar as diferentes abordagens que os artefactos que se agrupam nesta grande categoria têm merecido dos investigadores.

Os estudos sobre a baixela metálica em bronze de presumível produção itálica e de cronologia tardo-republicana no actual território português são praticamente inexistentes. De certo modo, pode dizer-se que esta situação é extensível a quase todo o território peninsular — a consulta das diferentes listas de artefactos e respectivas cartas de distribuição publicadas no âmbito do Colóquio de Lattes resulta particularmente esclarecedora (Feugère e Rolley, 1991), embora se verifiquem algumas omissões, resultantes do tradicional desconhecimento da bibliografia nacional que se observa nos meios científicos de além-Pirenéus, quando não mesmo nos nossos vizinhos mais próximos.

Uma primeira “pista” para esta falta de interesse e informação pode encontrar-se na escassez de necrópoles dos séculos II e I a.C. escavadas e estudadas, os sítios onde habitualmente se encontram os artefactos englobáveis nesta categoria — quer na Península Itálica, quer em outras regiões europeias (Feugère e Rolley, 1991, *passim*) —, se estabelecem as melhores interpretações funcionais e propostas cronológicas — embora haja suficientes motivos para duvidar de que tenha existido nas diferentes áreas culturais da Península Ibérica o hábito de incluir elementos de baixela metálica entre os espólios votivos fúnebres, como haverá a oportunidade de ver. Por outro lado, a relativa raridade deste tipo de achados, aliada a uma, não poucas vezes, deficiente manipulação dos elementos de comparação, tem produzido interpretações de natureza cultural e propostas cronológicas ambíguas ou mesmo manifestamente erróneas, designadamente aquelas que insistem em encarar estes materiais como elementos típicos de horizontes culturais do *La Tène* tardio, não curando de que a sua presença nos contextos centro-europeus em que se encontram resulta, também, em muitos casos, de importações a partir da Península Itálica.

Três pequenos exemplos ilustram bem estas situações. Em primeiro lugar, a rebuscada matização terminológica, distinguindo *simpulum* e *chiatus*, proposta por Martín Valls (Martín Valls, 1990, p. 159-161) e adoptada por Berrocal-Rangel (1992, p. 142), supostamente baseada nas respectivas *entradas* do *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, de Saglio e Daremberg, sem que se consiga encontrar nos ditos textos uma efectiva justificação para tais matizes, para lá de um suposto carácter mais “profano” dos segundos, relativamente aos primeiros, bastante discutível, e, bem entendido, dos distintos campos linguísticos de onde provém uma e outra. Seguindo o critério de Martín Valls, Luis Berrocal-Rangel data do século II a.C. um *simpulum* de pega horizontal do tipo A de Castoldi e Feugère (1991) — a que chama *chiatus* —, recolhido no chamado nível 2 do povoado de Castrejón de Capote, Higuera la Real (Berrocal-Rangel, 1992, p. 142 e Fig. 27) — justamente aquele que conserva abundantes vestígios de importações itálicas —, o que, não sendo impossível, me parece bastante improvável, uma vez que faria desta peça a mais antiga do género difundida fora da Península Itálica. Por outro lado, seguindo as indicações da distribuição espacial destes artefactos no âmbito da Península Ibérica, uma vez mais publicadas por Martín Valls (1990), Berrocal-Rangel (1995, p. 123-124 e Fig. 2) vê na peça de Castrejón de Capote mais um indicador da extensão para o Sudoeste das influências celtibéricas, ainda que no âmbito da conquista romana.

Esta relação, que me parece manifestamente forçada, baseia-se, afinal, na convicção de que este tipo de objectos conheceu uma maior aceitação e difusão na área celtibérica do que em outras regiões peninsulares — dado que permanece por demonstrar. Embora me pareça aceitável a proposta de um simples enquadramento de mercenários celtibéricos no âmbito das acções militares de conquista promovidas pelos governadores ao serviço de Roma, aventada em outro texto pelo mesmo autor (Berrocal-Rangel, 1994, p. 273-274). De uma forma ou de outra, a presença e

difusão de elementos de baixela metálica tardo-republicana pouco ou nada tem que ver com este tema; e a sua maior representação nos contextos arqueológicos da *Citerior*, do que nos da *Ulterior*, dever-se-á mais aos diferentes ritmos e alcances dos fenómenos de assimilação cultural existentes entre ambas as regiões, para não falar, simplesmente, na publicação de materiais — a título de exemplo, refira-se o exemplar de jarro do tipo Piatra Neamt de Morro de Mesquitilla, recolhido nos importantes níveis romanos republicanos do lugar, que não foram especialmente considerados nas publicações de H. Schubart, por se interessar o Autor pelas fases mais antigas (não deixou, porém, de publicar fotografia do dito, Schubart, 1977, p. 59 e Taf. 14, 1979, p. 206, Lám. X).

Naturalmente, admitindo que uma tal assimetria é real, entenda-se, não resultante dos acasos da investigação, creio que só se poderá compreender por razões que se relacionam com uma mais precoce “romanização” da *Citerior*. Mas, neste particular, o levantamento que efectuo e a cartografia que apresento (que se não pode considerar, de modo algum, exaustiva) julgo que poderá contribuir para uma reapreciação geral do panorama geográfico de distribuição destes artefactos, esbatendo bastante esta noção de preferencial concentração na *Citerior* (em geral) e no vale do Ebro (em particular). Sublinhe-se, contudo, que o novo panorama suscitado pela publicação deste estudo, onde emerge o Ocidente peninsular como uma área de particular concentração de achados, não deve ser particularmente enfatizado, já que as assimetrias resultarão mais de falta de publicação de outros conjuntos — possam estas linhas suscitar outros estudos, é o que se deseja...

Um outro esclarecedor exemplo é fornecido pelos discursos produzidos em torno de um elemento de asa de coador do povoado de Segóvia, Elvas (a parte da peça que servia para o apoio do polegar, aquilo a que os investigadores franceses chamam o *poucier*, e de que não é fácil encontrar expressão correspondente, em português), considerado numa ficha descritiva do Catálogo da Exposição *De Ulisses a Viriato O Primeiro Milénio a.C.* (MNALV, 1996) como “(...) elemento típico da cultura de “La Tène” Final, encontrando-se presente em amplas áreas europeias” e datado do século III-II a.C. (Alarcão, s/d [1996], p. 252), quando no texto monográfico consagrado ao sítio arqueológico no mesmo catálogo se afirma que a dita peça foi recolhida nos estratos 2-1, típicos de uma fase de “(...) contactos com os Romanos e o início da Romanização (...)” (Gamito, 1996, p. 110-111), parecendo que a Autora não admite a mais que provável origem itálica do exemplar. A alusão ao mundo de *La Tène* não faz qualquer sentido e só induzirá em dúvida um leitor menos avisado — idêntica ligação ao mundo de *La Tène*, supostamente pré-romano foi apresentada na publicação da asa de coador de *Conimbriga* (Alarcão e Ponte, 1979, p. 155), embora fosse compreensível, na época, este tipo de confusão. Note-se que ainda hoje se discute a possibilidade de existirem produções de passadores no chamado “mundo bárbaro” (Guillaumet, 1991). Contudo, uma coisa será o local de fabrico de cada objecto e outra, completamente diferente, o da origem dos modelos; sendo manifestamente incorrecto valorizar a vertente do produtor concreto, quando lidamos com materiais encontrados em associação a outras importações itálicas. Trata-se de mais um exemplo de como parece ser totalmente inadequada a transposição da terminologia centro-europeia (*La Tène tardio*) para as realidades da Península Ibérica.

Paralelamente, tem-se verificado também uma deficiente interpretação dos dados, decorrente dos desconhecimentos, omissões e erradas interpretações anteriormente citadas. Uma vez mais, somente a título de exemplo, refira-se uma pega horizontal de um *simpulum* do tipo B de Castoldi-Feugère, documentado no Bombarral, que foi considerada um “cabo de espelho” (Ferreira, 1977, p. 11 e Fig. 6); a mesma interpretação (ainda que interrogada) foi dada a um *poucier* de coador encontrado no povoado de Raso de Candeleda, Ávila (Fernández Gómez, 1986, p. 431 e Fig. 271, n.º 22, 1993,

p. 160), sítio onde, aliás, se recolheram outros elementos de baixela metálica tardo-republicana — por exemplo, uma asa de copo de tipo Idria (Fernández Gómez, 1986, p. 407-408, Fig. 252, n.º 3) —; ou o fragmento terminal de uma asa de jarro do chamado tipo Piatra Neamt, com evidentes sinais de grande desgaste, encontrado nas proximidades da albufeira da barragem de Iznájar, Córdoba, que foi publicado e descrito como “*busto masculino com barrete frigio*” (Galeano Cuenca e Gil Fernández, 1994, p. 60, n.º 2) — tendo sido tomado, pelo dito barrete, o coto da asa que se conserva. Naturalmente, para não falar de uma outra asa, provavelmente de um copo de tipo Idria, ou de jarro de tipo Gallarate ou Kjaerumgaard, ou de ânfora do tipo Agde, encontrada no Castro de Sabroso, Guimarães, e classificada como exemplar representativo da torêutica hispano-visigoda (Cortez, 1950, p. 56 e Fig. 1). A peça foi, mais tarde, reproduzida por Martin Höck, que, apesar de reconhecer os paralelos tardo-republicanos, designadamente os de Cáceres el Viejo, publicados por Ulbert (1984), hesita entre as duas supostas cronologias, por manifesta dificuldade em articular, tanto uma como a outra, com os restantes dados conhecidos em Sabroso (Höck, 1985, p. 249 e Abb. 2, 1986, p. 45-46) — o que me parece manifestamente absurdo, uma vez que não se trata da única peça romana republicana recolhida naquele castro do Noroeste português, com periodização devidamente estabelecida por C. Hawkes (1971) e confirmada em trabalhos posteriores (Silva, 1986, p. 31).

Para além de tudo aquilo que se foi perdendo ao longo dos tempos, como, por exemplo, as “chocolateiras” e “panelas” de cobre que Leite de Vasconcellos soube terem sido encontradas no interior do *castellum* romano dos Mestres, embora as não tivesse visto (Vasconcellos, 1933, p. 245), ou o *simpulum* do Castelo Velho de Santiago do Cacém, de que fala Cruz e Silva (1946, p. 343), mas que nunca foi publicado, não parecendo conservar-se entre as colecções do museu local, e que, com alguma verosimilhança pertenceriam à categoria de artefactos em apreço; ou que leva descaminho, hoje, pela acção dos “caçadores de tesouros”, munidos dos seus detectores de metais — neste particular, julgo que não será legítimo pensar que somente as moedas passaram a escapar ao controle dos investigadores, desde que tais práticas de “pesquisa” se generalizaram: de facto, todos os artefactos metálicos deixaram de se conservar nos respectivos contextos. A circunstância meramente fortuita de ter podido ver parte da colecção recolhida por um desses “pesquisadores” no Castelo Velho de Veiros, Estremoz, é elucidativa. Nas publicações consagradas a este sítio arqueológico não figura um único elemento de baixela metálica (Arnaud, 1968, 1970), enquanto, na dita colecção, estão representados os *simpula* do tipo A de Castoldi-Feugère, elementos de pegas de copos, um remate inferior de uma asa, de copo ou ânfora, um elemento de coador (o *poucier*), para além de uma asa ou pega de um tipo desconhecido, mas igualmente documentado em outros sítios arqueológicos do Sudoeste, como haverá oportunidade de comentar. Em suma, de um local de onde se ignorava em absoluto a presença deste tipo de materiais, aparece um numeroso conjunto.

Estes exemplos são particularmente representativos daquilo que se terá perdido (e continua a perder); mas também das atitudes dos diferentes investigadores. Por um lado, não parece haver uma consciência nítida (sobretudo entre os investigadores peninsulares) do âmbito cronológico de fabrico/difusão destes elementos de baixela metálica e, conseqüentemente, da sua importância, não só como indicadores de um contexto avançado de “romanização”, mas também como artefactos *datantes*. Por outro, enfatizando os enquadramentos culturais do chamado *La Tène tardio*, observado nas necrópoles de várias regiões europeias, confunde-se, por completo, o seu âmbito cultural de circulação e uso — frequentemente, mesmo contra as opiniões expendidas pelos próprios estudiosos que as publicam, como adiante comentarei. Finalmente, por não haver uma tradição de estudo deste tipo de artefactos, frequentemente os mesmos passam despercebidos. Por estranho que pareça, dir-se-ia que a comunidade arqueológica hispânica não tomou consciência dos importantes esclarecimentos publicados na monografia que G. Ulbert consagrou ao

estabelecimento militar romano de Cáceres el Viejo, junto da cidade do mesmo nome (Ulbert, 1984), que veio pôr alguma “ordem” nas confusas interpretações em torno destes objectos. Não deixa de ser significativo, também, que o estudo do monumento tenha saído da pena de um autor vindo da Europa Central, embora também um bom conhecedor das realidades tardo-republicanas da Península Itálica — justamente duas das áreas geográficas onde mais precocemente se valorizou a baixela metálica.

Paradoxalmente, apesar de todas as limitações já enunciadas da investigação nacional, o território hoje português contribuiu para o estabelecimento de um novo parâmetro cronológico (manifestamente erróneo) de um dos elementos típicos da baixela metálica de época republicana. De facto, a deficiente (e inexplicável) proposta de cronologia avançada por Jorge Alarcão (1973, p. 50, 1983, p. 50) para o Castelo da Lousa, Mourão, em obra de grande circulação e contra os próprios dados materiais publicados (Alarcão e Alarcão, 1967; Alarcão, 1970), levou M. Castoldi a “estender” o âmbito cronológico dos *simpula* de pega horizontal do tipo A — “*Il periodo d’uso si estende all’età primoimperiale, come dimostra il ritrovamento del Castello di Lousa (Portogallo), fondato in età augustea*” (Castoldi e Feugère, 1991, p. 66). É certo que já J. Wahl corrigira para parâmetros mais aceitáveis a época de construção/utilização do monumento (Wahl, 1985, p. 161) — no fundo, mais não fez que retomar a datação atribuída na década de 60 (Alarcão e Alarcão, 1967; Alarcão, 1970) —, contudo, esta última não foi tomada na devida conta, ou por tal correcção ter passado despercebida à investigadora italiana; ou por ter prevalecido o “argumento de autoridade”, compreensível, por se tratar do mais prestigiado investigador português do período romano. Assim, julgo conveniente sublinhar que absolutamente nada no registo arqueológico do extremo Ocidente peninsular autoriza tal “dilatação” do âmbito cronológico de uso destes objectos.

Com todas as dificuldades decorrentes de se lidar com materiais de contextos residenciais, logo, não funerários, o que tem como principal resultado que estas peças se resumam a fragmentos, mais ou menos expressivos, mas, quase nunca, a peças inteiras, mas, também, sem perder de vista que persistem muitas dúvidas e interrogações de ordem estratigráfica para a maior parte dos exemplares listados, julgo que se impõe um esforço de sistematização da informação disponível, e respectivos contextos (quando são conhecidos), para melhor avaliar os múltiplos e ricos significados da presença de elementos de baixela metálica em bronze tardo-republicano no ocidente peninsular. O panorama, como se verá, apresenta-se, de facto, muito mais rico e diversificado do que faria supor a escassa informação divulgada, ou mesmo os expressivos e detalhados mapas elaborados pelos mais destacados investigadores que se têm dedicado ao estudo destes materiais (Feugère e Rolley, 1991, *passim*).

Em primeiro lugar, parece-me interessante verificar a significativa presença de elementos de baixela metálica em bronze nos povoados do Sudoeste, em vivo contraste com uma notória ausência em contextos sepulcrais. Este aspecto, que não será eventualmente de desprezar, assinala desde logo uma significativa diferença em face do panorama conhecido em outras regiões do “mundo bárbaro” receptor e utilizador destes artefactos (Feugère e Rolley, 1991, *passim*). É certo que não existem muitas necrópoles escavadas no Sudoeste cujo âmbito cronológico permita o aparecimento de materiais deste tipo; no entanto, não deixa de ser algo estranha a sua ausência no Olival do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal, onde seguramente se recolheram materiais dos sécs. II-I a.C. — designadamente, as cerâmicas campanienses (Delgado, 1971) ou as lucernas (Arthur, 1952; Almeida, 1953) —, em Hornachuelos, Ribera del Fresno, Badajoz (Rodríguez Díaz, 1989, p. 204-219; Rodríguez Díaz e Jiménez Ávila, 1987-1988, p. 25-29; Rodríguez Díaz, 1991) ou na necrópole El Romazal I, associada ao povoado de Villasviejas del Tamuja, Cáceres (Hernández Hernández,

1993, p. 119-120; Hernández Hernández e Galán Domingo, 1996, p. 112-118), com um único fragmento de copo, talvez de tipo Idria, encontrado fora de contexto, na necrópole de El Mercadillo, associada (esta) a uma fase mais antiga do mesmo povoado (Hernández Hernández; Galán Domingo, 1996, Fig. 47, n.º 6). Este último caso afigura-se particularmente interessante, uma vez que foram recolhidos na escavação do aglomerado de Villasviejas del Tamuja propriamente dito fragmentos de asas de copos e de coadores (Hernández Hernández, Rodríguez López e Sánchez Sánchez, 1989, Figs. 16, n.º 108 e 109; Fig. 58, n.º 630).

Quererá esta ausência significar uma não incorporação destes artefactos na panóplia pessoal fúnebre das elites indígenas; ou corresponderá, antes, a mais um indicador do “despojamento” verificado nas fases tardias das necrópoles pré-romanas do sudoeste peninsular?... Infelizmente, no estado actual dos conhecimentos, que é bastante incipiente, diga-se, não se afigura possível optar entre as diferentes hipóteses que estas observações permitem desenhar, embora no caso concreto da necrópole de El Romazal I não se possa falar propriamente de um empobrecimento dos espólios fúnebres, sobretudo se comparada com a necrópole El Mercadillo, que corresponderia a uma fase anterior do mesmo povoado (Hernández Hernández, 1993, p. 118-120; Hernández Hernández e Galán Domingo, 1996, p. 112 e ss.). Trata-se, provavelmente, do único caso em que, sem qualquer dúvida, se regista a presença destes elementos em contexto habitacional, sem vestígios de uma “amortização” fúnebre; pelo que me parece plausível supor que, efectivamente, não se conceberia a sua utilização em tais contextos. É conveniente não esquecer, porém, que a não deposição destes artefactos nas sepulturas está longe de se poder considerar um menosprezo dos mesmos; significará talvez precisamente o contrário, uma vez que parece haver uma nítida “descolagem” relativamente aos espólios fúnebres de certos elementos que constituiriam atributos de riqueza das elites indígenas. Neste particular, parece evidente que, tal como acontecia com as jóias, também os elementos da baixela metálica importada não se “amortizavam” com a morte do seu possuidor. A hipótese de o conjunto do Bombarral poder corresponder ao conteúdo de uma sepultura (Ferreira, 1977, p. 11) carece de confirmação; não havendo, inclusivamente, outros exemplos de deposição fúnebre de torques e vasos de prata, como os que, supostamente, pertenceriam ao conjunto que Veiga Ferreira viu na posse de um antiquário e sumariamente publicou. Se corresponder, realmente, a um conjunto unitário, diria que a associação aos torques e vasos de prata sugere, precisamente, que se poderia tratar de um depósito/esconderijo, em suma, de um “tesouro”, na habitual acepção dada a estas realidades — sobre tesouros com objectos de prata deste tipo v. Bandera Romero, 1996. Observação análoga se poderia fazer relativamente às placas áureas de tipo Serradilla/Martela, apresentadas como fazendo parte do mesmo conjunto, uma vez que os outros achados conhecidos na Extremadura pertenciam, também, a ocultações e não a depósitos funerários (Berrocal-Rangel, 1989).

Uma outra hipótese, não desprezível, é a de se não ter verificado uma incorporação efectiva destes materiais no quotidiano das elites locais, uma vez que em todos os sítios onde se documentam materiais deste tipo, é igualmente evidente a presença de romanos ou gentes enquadradas nos seus exércitos. Equivalerá esta observação à consideração de que podem ser tomados como indício de uma presença de militares o seu achado?... Francamente, não estou certo de que assim seja, uma vez que a simples pesquisa que pude efectuar (que nem se pode considerar especialmente minuciosa, sublinhe-se, uma vez que, para o fazer, teria de percorrer, praticamente peça a peça, todos os espólios de Museus e Coleções, atendendo aos já referidos problemas de identificação que estes materiais suscitam), revelou, como já referi, uma inesperada abundância de exemplares, mas nos mais diferentes contextos. A possibilidade de justificar por este enquadramento da sua utilização a não incorporação nos espólios fúnebres também não colhe, uma vez

que se conhecem inúmeros casos de deposição de elementos de baixela metálica em bronze nas necrópoles itálicas (Werner, 1954, 1978; Feugère e Rolley, 1991, *passim*).

De sítios onde se verificou uma inquestionável presença militar, seriam as peças de Cáceres el Viejo, do Castelo da Lousa, Mourão, ou as do Pedrão, Setúbal e Cabeça de Vaiamonte, Monforte — em outros lugares esclareço porque considero estes lugares estabelecimentos militares (Fabião, 1998b, 1996, respectivamente) — e Lomba do Canho, Arganil (materiais inéditos, conservados no Museu Regional de Arganil). Creio também que a uma ocultação relacionada com movimentos militares se poderão atribuir os materiais do lugar de Moldes, Castelo de Neiva (Almeida, 1980a, 1980b; Almeida, 1982; Silva, 1986, p. 174). Este conjunto apresenta uma data muito avançada (a avaliar pelos restantes objectos que lhe estavam associados, designadamente a moeda de Augusto), o que reforça a ideia, expressa por Carlos Alberto Ferreira de Almeida de que poderia tratar-se de material destinado a refundição (Almeida, 1980a, p. 45) — recorde-se que, para lá dos achados residuais, mais recentes, o fabrico deste tipo de copos não parece ter ultrapassado os meados do séc. I a.C. (Ulbert, 1984, p. 90; Feugère, 1991b, p. 54-55) —; embora se possa admitir, também, tratar-se dos despojos de algum antigo saque, empreendido em paragens meridionais, interpretação que tem sido aventada para outras presenças exóticas em contexto de “tesouro”. Note-se que este tipo de materiais, pelo seu exotismo e natural longevidade, aconselham a que nunca se perca de vista a distância entre a época de fabrico e a época de abandono, como bem observou P. Arcelin no debate de abertura da *mesa redonda* de Lattes (Feugère, 1991a, p. 6), tanto mais quando se trata de depósitos com estas características. Estas peças colocam, ainda, outras questões de resposta mais complexa, que discutirei *infra*, como a da eventualidade de se tratar de artigos da artesanaria local, como já sugeriu Armando Coelho Ferreira da Silva (1986, p. 174).

De âmbito mais duvidoso seriam os achados de Villasviejas del Tamuja, Botija, Cáceres, Castelo Velho de Veiros, Estremoz, ou mesmo do povoado da Serra de Segóvia, Elvas, e Castrejón de Capote, Higuera la Real, particularmente se admitirmos a possibilidade de terem sido também local de instalação de guarnições militares romanas, pelo menos alguns deles, em dado momento da sua existência — as razões de tais propostas podem ver-se em Fabião, 1998b. Nada indica que a movimentos de tropas se possam ligar os exemplares de Mesas do Castelinho, Almodôvar, Castelo Velho de Cobres, Castro Verde, Castelo Velho de Santiago do Cacém, Chibanes, Setúbal, Sierra de La Martela, Segura de León, Badajoz, Bombarral, Conímbriga, Condeixa-a-Nova, Sabroso e Briteiros, ambos em Guimarães.

Um aspecto particularmente interessante, porém, se poderá considerar comum a todos estes materiais: uma associação ao período da conquista militar romana; não faltando sequer as previsíveis distâncias cronológicas entre os mais antigos achados do Sul e os contextos arqueológicos mais tardios dos materiais do Noroeste. É certo que a maioria das peças conhecidas no Sudoeste não está associada a contextos seguros: as dúvidas e interrogações que rodeiam os materiais de Vaiamonte foram já devidamente expostas (Fabião, 1996; 1998b), as peças do Castelo Velho de Veiros pertencem a uma colecção particular, constituída com o recurso a um detector de metais; as da Serra de Segóvia estão associadas a níveis arqueológicos de parâmetros cronológicos demasiado indefinidos (Gamito, 1981, 1982, 1988, 1996), nada se sabe sobre o preciso contexto de recolha do exemplar de Santiago do Cacém, e a do Castelo Velho de Cobres foi alegadamente encontrada à superfície (Maia, 1986, p. 213). No entanto, há que reconhecer que, na maior parte destes sítios arqueológicos, a presença de materiais de época imperial é diminuta ou inexistente — com a óbvia excepção do Castelo Velho de Santiago do Cacém —; e que há, também, outros locais, como Mesas do Castelinho, em que os contextos de recolha são seguros, independente-

mente da existência de ocupações mais recentes. Sublinhe-se, porém, que se nada nestes locais permite estabelecer qualquer espécie de associação entre militares romanos e baixela metálica de época tardo-republicana, também se não afigura legítimo rejeitar liminarmente tal hipótese.

Assim, para além de não oferecer qualquer dúvida a datação tardo-republicana destes materiais (Feugère e Rolley, 1991), já reconhecida, aliás, por J. Werner no estudo que lhes consagrou há quase meio século, distinguindo-os claramente dos conjuntos de baixela metálica da época de Augusto/Tibério (Werner, 1954) — facto claramente sublinhado pela baixela metálica das cidades soterradas pela erupção do Vesúvio (Carandini, 1977). Resulta também evidente que a difusão destes materiais no extremo Ocidente peninsular se enquadra no âmbito da conquista e assimilação cultural destes territórios pelos exércitos de Roma, não sendo aceitável supor que poderiam ter sido difundidos por estas paragens em fases anteriores — registre-se que, também para os abundantes elementos recolhidos nas regiões meridionais da França, se reconhece, de há muito, idêntico contexto, atribuindo-se a sua difusão aos inícios da romanização destas paragens (Tendille, 1981, p. 77 e 82). Baixela metálica e presença romana, julgo que se deverão considerar duas realidades indissociáveis: a identificação da primeira implica a segunda, independentemente de se tratar, ou não, de verdadeiros artigos importados, ou já de réplicas produzidas pelo mundo indígena; que, sublinhe-se, possuía todos os conhecimentos técnicos e sofisticação tecnológica requerida para o fabrico de tais utensílios.

3. Esboço de inventário

Um primeiro inventário que pude estabelecer poderá considerar-se minimamente representativo da realidade existente no actual território português (sobretudo para as regiões meridionais, aquelas que melhor conheço), embora não tenha sido exaustivo, já que fragmentos de peças destes tipos se poderão encontrar nos sítios mais impensáveis (refiro-me, bem entendido, aos locais de depósito actual, não aos seus contextos primários), como de certo modo ilustra a lista que se segue. Para o território actualmente espanhol, limitei-me a considerar os principais elementos publicados, designadamente os de Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984) e os listados por L. Berrocal-Rangel em território extremeño (Berrocal-Rangel, 1992, 1994, 1995); os do Raso de Candeleda, Ávila (Fernández Gómez, 1986), embora se registem, pertencem já a uma área algo marginal à que aqui me ocupou. O exemplar citado, que foi recolhido junto da barragem de Iznájar, Córdoba, e publicado em artigo genérico sobre “bronzes romanos” (Galeano Cuenca e Gil Fernández, 1994, p. 60, n.º 2), servia somente de exemplo de como, ainda hoje, existem equívocos na classificação destas peças; não significa, de modo algum, que tenha feito qualquer ensaio de levantamento da informação publicada no país vizinho — registre-se, contudo, a cuidadosa publicação recente de materiais do Museo Histórico Municipal de Priego de Córdoba, onde se referem materiais de época tardo-republicana, também (Pozo Rodríguez, 1998), entre os quais figura uma peça particularmente interessante, como haverá oportunidade de comentar.

Convém esclarecer, também, que deixei de parte algumas realidades de avaliação mais complexa, como por exemplo as sítulas. De facto, para além dos problemas crono-tipológicos que este tipo de artefacto suscita, quando não há dúvidas sobre a sua atribuição ao mundo romano (Bolla, Boube e Guillaumet, 1991), mais se adensam as interrogações quando não existe sequer uma garantia de enquadramento contextual. Provavelmente, quando for possível reunir informação suficiente e sólida sobre as tradições locais peninsulares de fabrico de sítulas, poder-se-á avaliar

devidamente o que há de contributos romanos e qual a relevância das transformações que a sua presença implicou. Sem essa investigação preliminar — que não está feita, ao que julgo saber —, resulta praticamente impossível a consideração dos elementos pertencentes a este tipo de objectos. Há, por exemplo, vários elementos recolhidos na Cabeça de Vaiamonte, Monforte, e presentemente guardados no MNALV que, com toda a verosimilhança, pertencerão ao mundo romano republicano, mas não creio que se consiga algum resultado satisfatório com o seu estudo, no estado actual dos conhecimentos; e por todas as interrogações que rodeiam o conjunto de peças atribuídas ao povoado de Monforte.

Um bom exemplo destas limitações pode ver-se, designadamente, no estudo que A. Alarcão consagrou a um jarro de cabeça móvel, que assimilou ao tipo Eggers 128 (Alarcão, 1996), e que, pelos registos do MNALV terá sido recolhido na Cabeça de Vaiamonte — de certo modo, M. Heleno confirma esta proveniência, por mais de uma vez se referir a *oinochoe* ou *oinochoai* recolhidos no povoado de Monforte (Heleno, 1956, p. 230, 1962, p. 314). Para além da sua descrição morfológica e da indagação dos possíveis paralelos, o estudo conduziu a um conjunto de interrogações inultrapassáveis, justamente pela falta de referências contextuais precisas. Afirmar que o jarro datará do séc. I a.C., provavelmente mesmo do seu primeiro terço, como fará crer o conjunto dos materiais recolhidos no local, contraria a cronologia até à data avançada para este tipo de peças, remetendo para um momento ainda mais antigo do que aquele que a autora defende, sem dúvida mais verosímil, mesmo assim, que outras propostas cronológicas que têm sido apresentadas, partindo dos exemplares de outras paragens da Europa. No entanto, será legítimo (ou mesmo razoável) sugerir uma tão radical proposta (entenda-se, a do séc. I a.C.), contra toda a tradição da investigação, somente com base em uma única peça que, pelas razões já expostas em outros locais (Fabião, 1996, 1998b), não se sabe em que contexto preciso terá sido encontrada e nem se poderá afirmar com absoluta segurança ter vindo do povoado de Monforte, apesar das palavras do responsável (remoto) pelas suas escavações?

Estas dúvidas e interrogações, bem como a reconhecida e manifesta impossibilidade de as superar, levaram-me a restringir a abordagem ao conjunto de artefactos que, sem dúvidas, pertencerão ao período republicano, resultando, a sua difusão e uso, ao que tudo indica, do processo da conquista romana e dos fenómenos de assimilação cultural subsequentes, verificados no mundo indígena peninsular.

Em contrapartida, julgo ser pertinente a inclusão neste levantamento de um tipo particular de asas em bronze, de que não conheço qualquer paralelo fora da Península Ibérica, mas cuja presença se regista de um modo significativo nos locais do Ocidente peninsular onde se identificaram elementos de baixela metálica tardo-republicana. A falta de paralelos conhecidos inibe qualquer proposta interpretativa para estas peças, pelo que não saberei dizer a que tipo e objecto poderiam ter pertencido. O pequeno arco que define o seu perfil sugere que se trataria de uma pega, mais do que uma “asa”; ou, em alternativa, a sua aplicação a um qualquer objecto (copo?), cuja parede desenhava uma marcada concavidade — a recente datação de entre o séc. I ao III d.C. avançada para um exemplar análogo, sem contexto conhecido, e depositado no museu Priego de Córdoba (Pozo Rodríguez, 1998, p. 51-52, Fig. 11, n.º 10), reflectirá mais a natural prudência que deve merecer um elemento sem bons paralelos conhecidos, do que propriamente o real âmbito cronológico do seu fabrico e difusão, como haverá oportunidade de comentar.

Passemos, pois, aos exemplares conhecidos, começando por aqueles cuja classificação não suscita qualquer dúvida (nem quanto à forma, nem quanto à função), por serem bem conhecidos nos repertórios clássicos deste tipo de objectos.

3.1. *Simpula*

Para além dos exemplares extremenhos de Cáceres el Viejo, Sierra de la Martela (Enríquez Navascués e Rodríguez Díaz, 1988, Fig. 9, n.º 13) e de Castrejón de Capote, que não considero aqui, para evitar as distorções resultantes de consultas, mais ou menos sistemáticas, de um dos lados da fronteira e simples enumeração do já publicado, na área hoje espanhola. Registam-se os seguintes exemplares:

Sítio Arqueológico	Tipo A	Tipo B	Outro
Lomba do Canho, Arganil (1)		1 fragm.	
Bombarral (2)		1 pega	
Cabeça de Vaiamonte, Monforte(3)	1 expl. reparado e 6 / 7 fragm	1 expl.	1 pega
Castelo Velho de Veiros, Estremoz (4)	1 fragm.		
Castelo da Lousa, Mourão (5)	1 pega		
Castelo Velho de Cobres, Castro Verde (6)	1 pega		
Mesas do Castelinho, Almodôvar	5 fragm. (7)	1 pega (8)	

(1) Materiais inéditos, que se conservam no Museu Regional de Arqueologia de Arganil.

(2) Segundo Ferreira, 1977, Fig. 6 - Fig. 3, n.º 3.

(3) Número mínimo de peças, estimado a partir dos fragmentos conservados no MNALV. Sobre o exemplar com vestígios de reparação v. *infra*; sobre o exemplar da coluna da direita (*outro*), v. *infra* - Figs. 2, n.º 1 a 6 e Fig. 3, n.ºs 1 e 4.

(4) Exemplar de uma colecção particular.

(5) Segundo Alarcão e Alarcão, 1967, 11 e fig. 11, n.º 28.

(6) Referido por Maia, 1986, p. 231.

(7) Dois fragmentos encontrados à superfície e outro recolhido na escavação da Plataforma B por Carlos Jorge Ferreira; mais dois fragmentos encontrados nos níveis romanos republicanos nas escavações recentes ([UE 41] e [UE 138 - Amb. X] - Fig. 2, n.º 7 a 9.

(8) Encontrado à superfície na Plataforma B - Fig. 3, n.º 2. Na 10ª campanha de escavações realizada neste sítio arqueológico (1998) foi recolhido mais um fragmento de asa deste tipo, em contexto residencial do séc. I a.C.

O fragmento de pega da Cabeça de Vaiamonte, Monforte, poderá pertencer ao tipo que Castoldi e Feugère definem como C (Castoldi e Feugère, 1991, p. 65 e Fig. 9) - v. Fig. 3, n.º 4. Creio que fornece também uma boa pista para a decodificação funcional de uma “barra de bronze” de Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984, Taf. 21, n.º 154), que, pela semelhança na forma e dimensões, deverá ser um fragmento de uma pega análoga, de identificação praticamente impossível por se não terem conservado as suas extremidades - cf. Fig. 3, n.ºs 4 e 5. Trata-se, afinal, de mais uma das significativas afinidades entre os dois sítios arqueológicos.

Como se pode ver pelo Quadro (especialmente quando confrontado com os seguintes) é muito maior o número de *simpula* recenseados do que a dos restantes elementos de baixela metálica que com eles formariam conjuntos funcionais homogêneos. Não creio, todavia, que se deva atribuir qualquer significado a este facto (pelo menos, no estado actual dos conhecimentos), visto que há enormes assimetrias de informação para cada um destes sítios. Independentemente de outros factores, diria que me parece ser bastante clara a relação entre dimensão da área escavada (ou, na falta de um conhecimento minimamente fiável da mesma, número de campanhas de escavação realizadas) e número de exemplares recolhido, como se pode ver pela grande abundância de exemplares na Cabeça de Vaiamonte e Mesas do Castelinho — provavelmente também haverá boa cópia de elementos no povoado da Serra de Segóvia, Elvas, no grupo genérico que costuma ser descrito como “bronzes (...) diversos” (estrato 5), “bronzes de tipo La Tène” (estratos 3 e 4) ou “objectos de bronze tardios” (estratos 1 e 2) (Gamito, 1981, 1982, Quadro da p. 72).

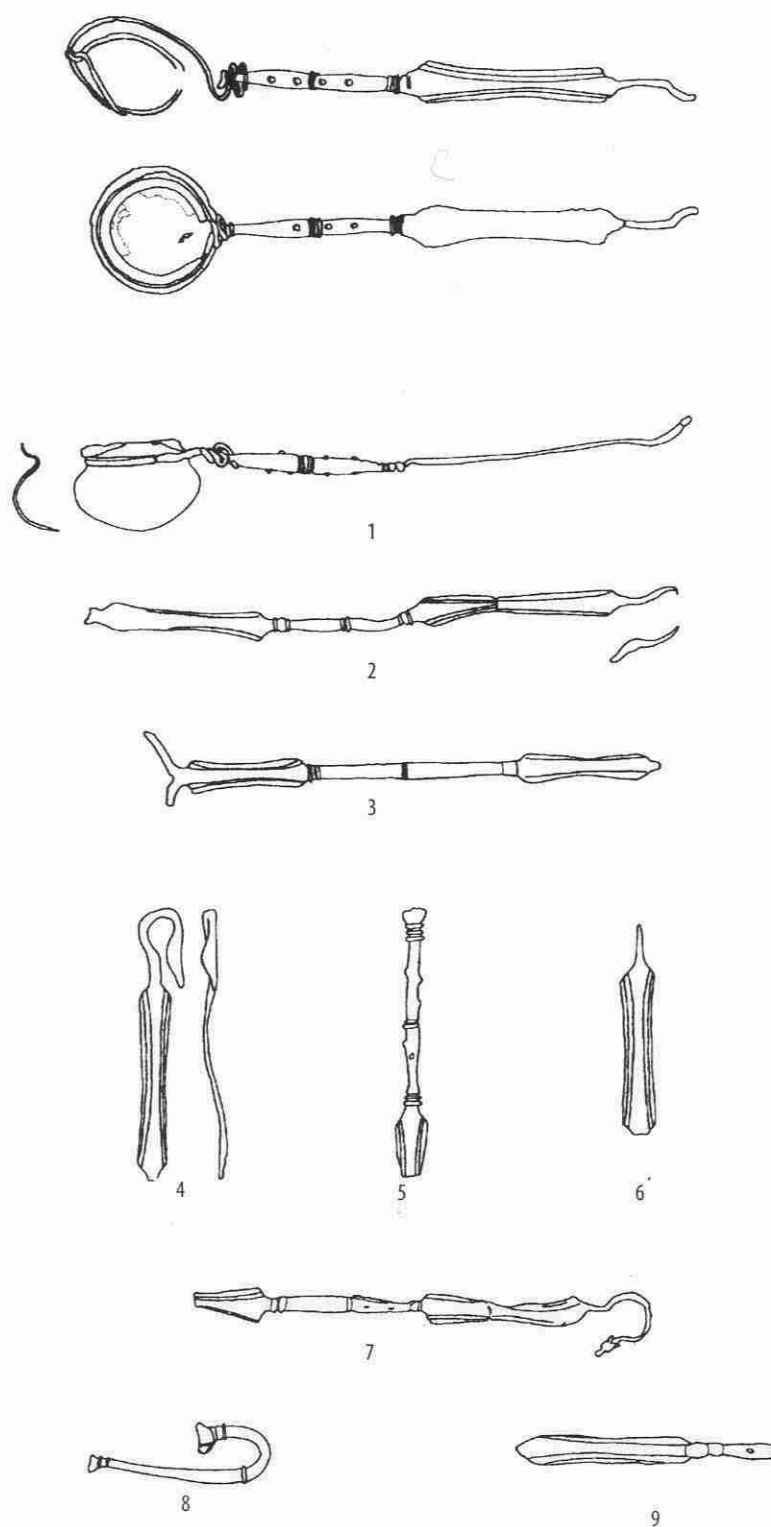


Fig. 2 *Simpula* de pega horizontal do tipo A de Castoldi e Feugère.
 n.ºs 1 a 6 - Cabeça de Vaia Monte, Monforte. n.ºs 7 a 9 - Mesas do Castelinho, Almodôvar.

O grande conjunto da Cabeça de Vaiamonte não deixa de evocar uma questão para a qual não temos, infelizmente, qualquer resposta concreta: a do exemplar de *simpulum* de pega vertical plana e gancho zoomórfico do tipo 3 de Castoldi-Feugère, atribuído a Torre de Palma, que se encontrava na Vitrina 32, n.º 7, na antiga Exposição Permanente do MNALV (Portugal, s/d [1989], p. 37), Fig. 4 - a peça estava então descrita como “*concha com pega vertical em bronze*” e datada dos sécs. I-II. De facto, este tipo de peça é inquestionavelmente um modelo tardo-republicano, que poderá ter evoluído a partir do *simpulum* etrusco, provavelmente, desde uma concha baixa e larga (exemplares mais antigos), para o mais típico modelo de concha estreita e funda (Castoldi e Feugère, 1991, p. 74). Independentemente das dúvidas e hesitações que rodeiam ainda alguns dos aspectos tipológicos e cronológicos, não haverá qualquer dúvida de que se trata, de facto, de uma peça do período republicano; e, pode dizer-se, relativamente rara na Península Ibérica, onde se regista, ao que parece, somente um exemplar em prata no tesouro de Mengíbar (Raddatz, 1969, p. 227 e Taf. 24, n.º 6); é também o único citado no inventário publicado nas *Actas da mesa-redonda* de Lattes (Castoldi e Feugère, 1991, p. 81 e Fig. 18), em claro contraste com a densidade dos achados sud-gálicos (Castoldi e Feugère, 1991, p. 74 e Fig. 18); ou, no que à Península Ibérica respeita, dos *simpula* de pega horizontal.

A situação insólita de se encontrar supostamente na *uilla* romana de Torre de Palma um objecto que se supõe “(...) *tomber en désuétude en même temps que la céramique à vernis noir et les amphores Dressel 1* (...)” (Castoldi e Feugère, 1991, p. 75), não é, como já disse, de fácil resposta. Duas hipóteses se afiguram plausíveis: ou se trata de uma peça recolhida, de facto, na Cabeça de Vaiamonte e erradamente atribuída à *uilla* — como em outros lugares tenho procurado sublinhar, é inquestionável a existência de misturas e confusões entre as peças trazidas para o MNALV e há espólios presentemente mal atribuídos (Fabião, 1996 e 1998b), o que é aceitável, atendendo ao grande número de exemplares de baixela metálica (ou mesmo de *simpula*) trazidos do povoado de Monforte —; ou, o que seria particularmente aliciante, poderia documentar uma fase antiga de instalação na área de Torre de Palma, que, aliás, vem sendo sugerida (Lancha e André, 1994), contra a proposta de uma instalação tardia avançada por Manuel Heleno (Heleno, 1962). Provavelmente as investigações em curso no grande estabelecimento rural romano — particularmente as que incidem sobre o espólio recolhido nas antigas escavações — poderão esclarecer a natureza e cronologia desta antiga ocupação do lugar, ainda que não seja previsível um esclarecimento definitivo sobre a proveniência desta peça.

Paradoxalmente, o progresso da romanização não trouxe um maior número de *simpula* ao ocidente peninsular. Atribuíveis ao período imperial haverá somente um exemplar da Mina do Lousal, Grândola (Vasconcellos, 1913, p. 487, Fig. 258) e fragmentos de um ou dois do tipo Aislingen, da Citânia de Briteiros, Guimarães (Höck, 1986, n.ºs 80 e 216) e outro de *Conimbriga* (Alarcão e Ponte, 1979, p. 155 e Pl. XXXVIII, n.º 27) — como é natural, devemos admitir que possa também ter pertencido a esta época o exemplar perdido do Castelo Velho de Santiago do Cacém (Silva, 1946, p. 343). A situação parece tanto mais estranha, quanto se sabe que a desproporção entre realidades escavadas de época republicana ou imperial, é fortemente favorável às segundas. Uma tal desproporção poderia considerar-se significativa para sublinhar um contexto socialmente relevante (se não mesmo um carácter sacro) para estes objectos, que progressivamente se teria perdido. No entanto, no estado actual dos conhecimentos, parece-me manifestamente abusivo (ou, no mínimo, inconclusivo) pretender trilhar tais caminhos interpretativos.

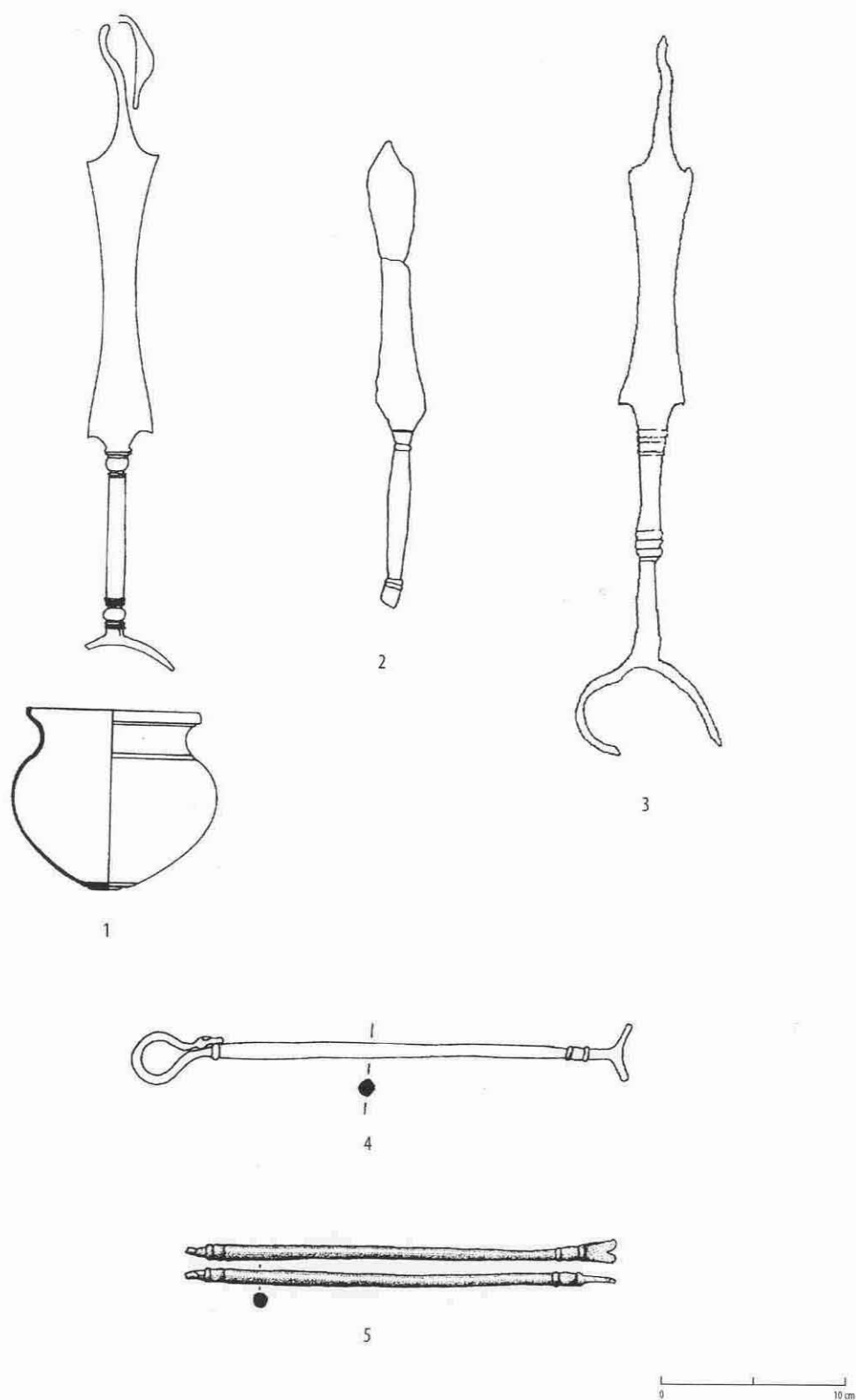


Fig. 3 *Simpula* de pega horizontal dos tipos B e D (?) de Castoldi e Feugère.

n.ºs 1 e 4 - Cabeça de Vaiamonte, Monforte. n.º 2 - Mesas do Castelinho, Almodôvar. n.º 3 - Bombarral, segundo Ferreira, 1977 (dimensões estimadas, visto que o desenho não tinha escala e o Autor não indicou as dimensões; a peça perdeu-se). n.º 5 - "Vara de bronze" de Cáceres el Viejo, segundo Ulbert, 1986.

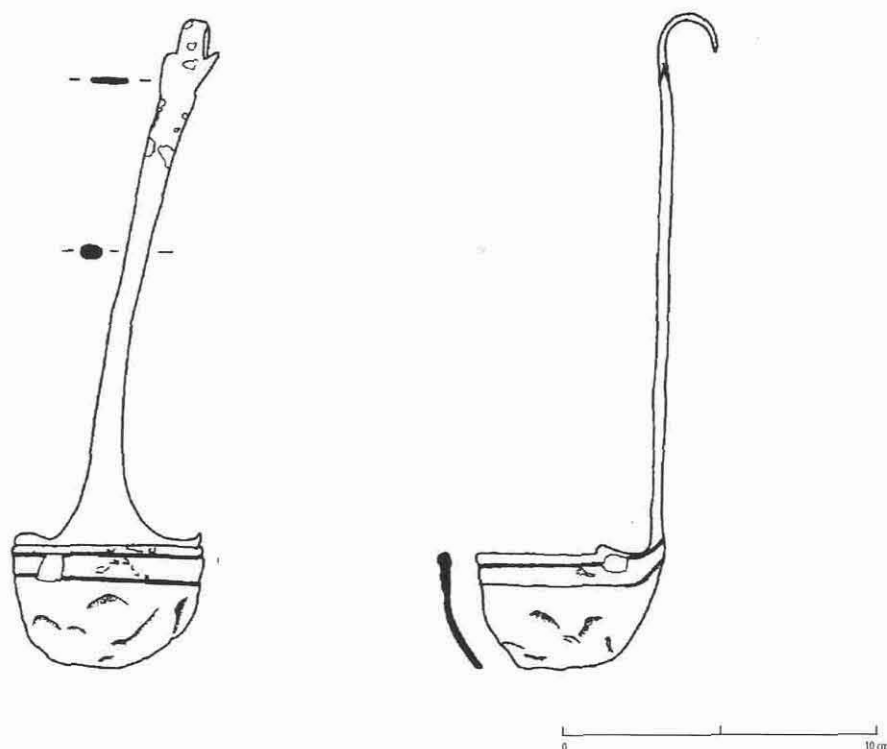


Fig. 4 *Simpulum* de pega vertical do tipo 3 de Feugère atribuído à *uilla* de Torre de Palma, Monforte.

3.2. Coadores

Estreitamente associado ao serviço do vinho estava o coador. No entanto, por serem demasiado frágeis, nem sempre é fácil obter destes objectos mais do que os dois elementos de apreensão — o *poucier*, isto é, o elemento horizontal, que se liga à parte superior do coador (Fig. 5, n.º 1), e o *doigtier*, a “asa”, vertical, fixada ao corpo da peça e ao primeiro (Fig. 5, n.ºs 2 e 3) — que, pela sua maior resistência se conservam melhor. Significativamente, na cartografia da distribuição destas peças elaborada por J.-P. Guillaumet (1991, Fig. 6), assinalava-se um único exemplar na Península Ibérica, a peça de Conímbriga, apesar de se conhecerem já os exemplares do Pedrão, Setúbal (Soares e Silva, 1973), v. Fig. 5, n.º 4, e de Moldes, Castelo de Neiva (Almeida, 1980a), v. Fig. 1, para citar somente achados do território hoje português, uma vez que os exemplares de prata dos tesouros da Andaluzia (Bandera Romero, 1996) serão, por certo, peças que reproduzem modelos ali chegados com a conquista romana, já que não se conhece no âmbito indígena qualquer peça deste tipo que se possa considerar um “protótipo”, justificativo de uma tradição local autónoma — pode mesmo dizer-se que constituem um exemplo mais de uma bem conhecida prática de produzir em metais nobres a baixela de bronze.

Sítio Arqueológico	Coador	"poucier"	"doigter"
Moldes, Castelo de Neiva, V. Castelo (1)	1		
Citânia de Briteiros, Guimarães (2)	1		
Lomba do Canho, Arganil (3)		1	1
Conímbriga, Condeixa-a-Nova	(4)		1
Cabeça de Vaiamonte, Monforte (5)			2
Serra de Segóvia, Elvas (6)		1	
Castelo Velho de Veiros, Estremoz (7)		1	
Pedrão, Serúbal (8)	1		
Mesas do Castelinho, Almodôvar		1	2(9)
Cerro da Rocha Branca, Silves			1(10)

(1) Segundo Almeida, 1980a (v. Fig. 1) e Silva, 1986, p. 199.

(2) Referido por Silva, 1986, p. 200.

(3) Materiais inéditos que se conservam no Museu Regional de Arqueologia de Arganil.

(4) Os dois elementos da base de coadores de bronze (Alarcão; Ponte, 1979, p. 155 e Pl. XXXVIII, n.ºs 24-25) poderão não ser de época romana republicana, pelo que não foram aqui considerados.

(5) Materiais depositados no MNALV.

(6) Exposto em *De Ulisses a Viriato* (Alarcão, s/d [1996], p. 252).

(7) Colecção particular.

(8) Segundo Soares; Silva, 1973, Fig. 23 e Est. V, n.º 32 - Fig. 5, n.º 4.

(9) Peças encontradas em contextos romanos republicanos do Sector A-1 - Fig. 5, n.ºs 1 a 3.

(10) Exemplar exposto no Museu Arqueológico de Silves.

Deste conjunto de coadores, somente os exemplares de Moldes, Briteiros e de Conímbriga suscitam algumas interrogações; o primeiro, poderá ser de uma época tardia, uma vez que, na melhor das hipóteses estaria associado a moeda de época de Augusto (Almeida, 1980a), se não mesmo a materiais mais tardios, que também existiam no local (Almeida, 1982) — recorde-se que a peça foi encontrada nas terras revolvidas —; do segundo desconhecemos em que contexto poderia estar (ou mesmo se será de época republicana, pelo que se lhe poderia aplicar o que acima se escreveu para os dois exemplares de Conímbriga não considerados no Quadro); e o terceiro apareceu seguramente fora de contexto, em um nível do séc. IV d.C. (Alarcão e Ponte, 1979, p. 155). Os restantes exemplares foram encontrados em contextos inequivocamente republicanos — os de Serra de Segóvia, Pedrão e Mesas do Castelinho, que resultaram de escavações arqueológicas modernas —; ou em idênticas circunstâncias, com toda a verosimilhança, atendendo, por um lado, ao que foi possível determinar da dinâmica da ocupação do povoado de Monforte; e ao facto de se não conhecer uma ocupação pós-republicana no Castelo Velho de Veiros (Arnaud, 1968, 1970) — o exemplar da Rocha Branca, embora não esteja devidamente identificado no Museu, nem haja qualquer referência nas publicações preliminares dadas à estampa, deverá ter análogo contexto, uma vez que é bem conhecida a ocupação local do período romano republicano (Gomes, Gomes e Beirão, 1986).

A este conjunto de peças poder-se-ia acrescentar, uma vez mais, algum material conhecido na Extremadura espanhola, designadamente o impressionante conjunto de Cáceres el Viejo (Ulbert, 1984) ou, ainda, o elemento de *poucier* do povoado de Villasviejas del Tamuja, Botija, Cáceres (Hernández Hernández, Rodríguez López e Sánchez Sánchez, 1989, Fig. 16, n.º 109), um sítio que forneceu vários elementos de baixela metálica romana republicana, que se enquadram bem no panorama geral do espólio do local (a grande proximidade relativamente a Cáceres el Viejo ajudará, por certo, a explicar esta realidade). Como já houve ensejo de comentar, também no Raso de Candeleda, Ávila, se recolheu um elemento de *poucier* (Fernández Gómez, 1986).

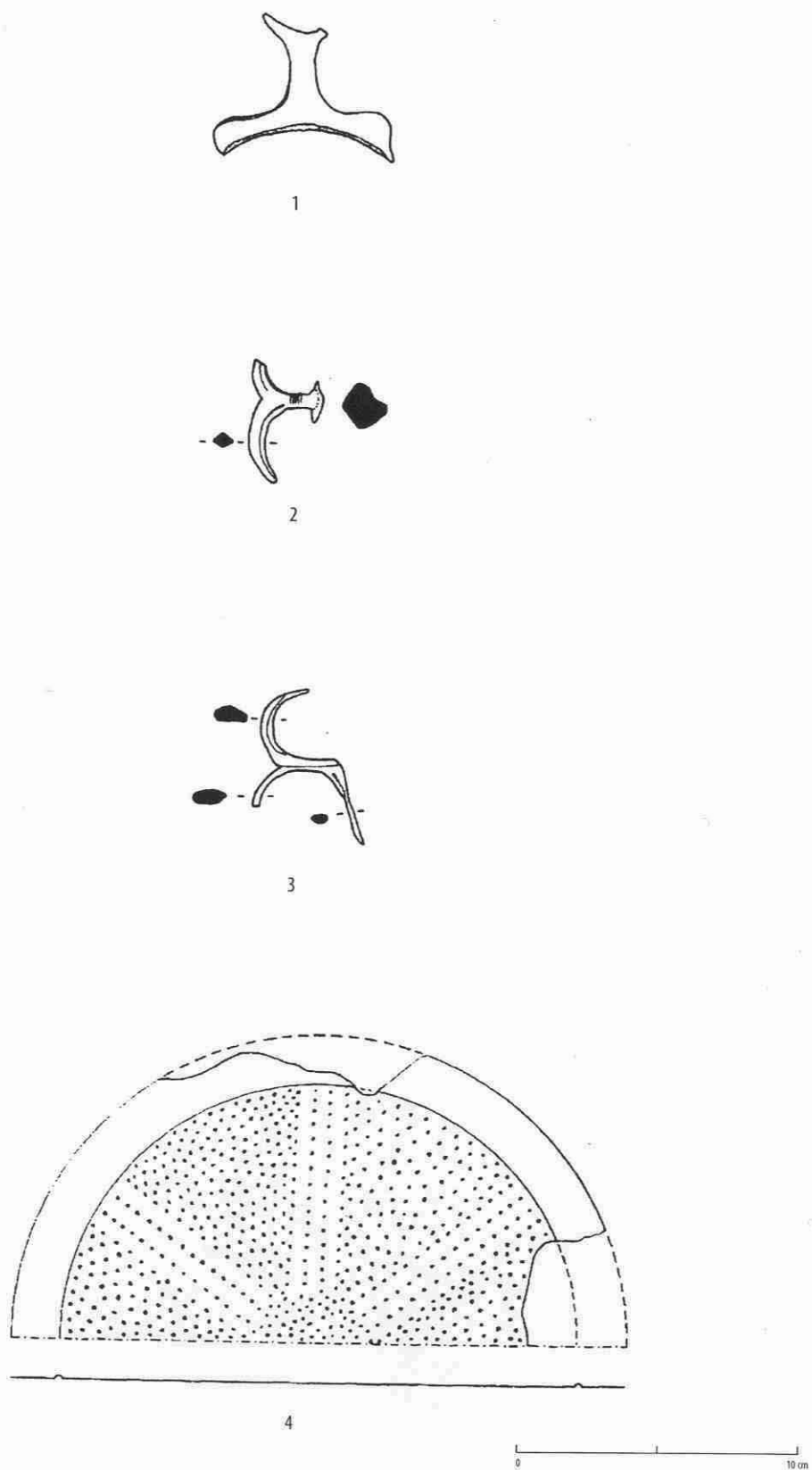


Fig. 5 Elementos de coadores. n.º 1 - *Poucier* de Mesas do Castelinho, Almodôvar. n.ºs 2 e 3 - *"Doigtiers"* de Mesas do Castelinho, Almodôvar. n.º 4 - Coador de Pedrão, Setúbal, segundo Soares e Silva, 1973.

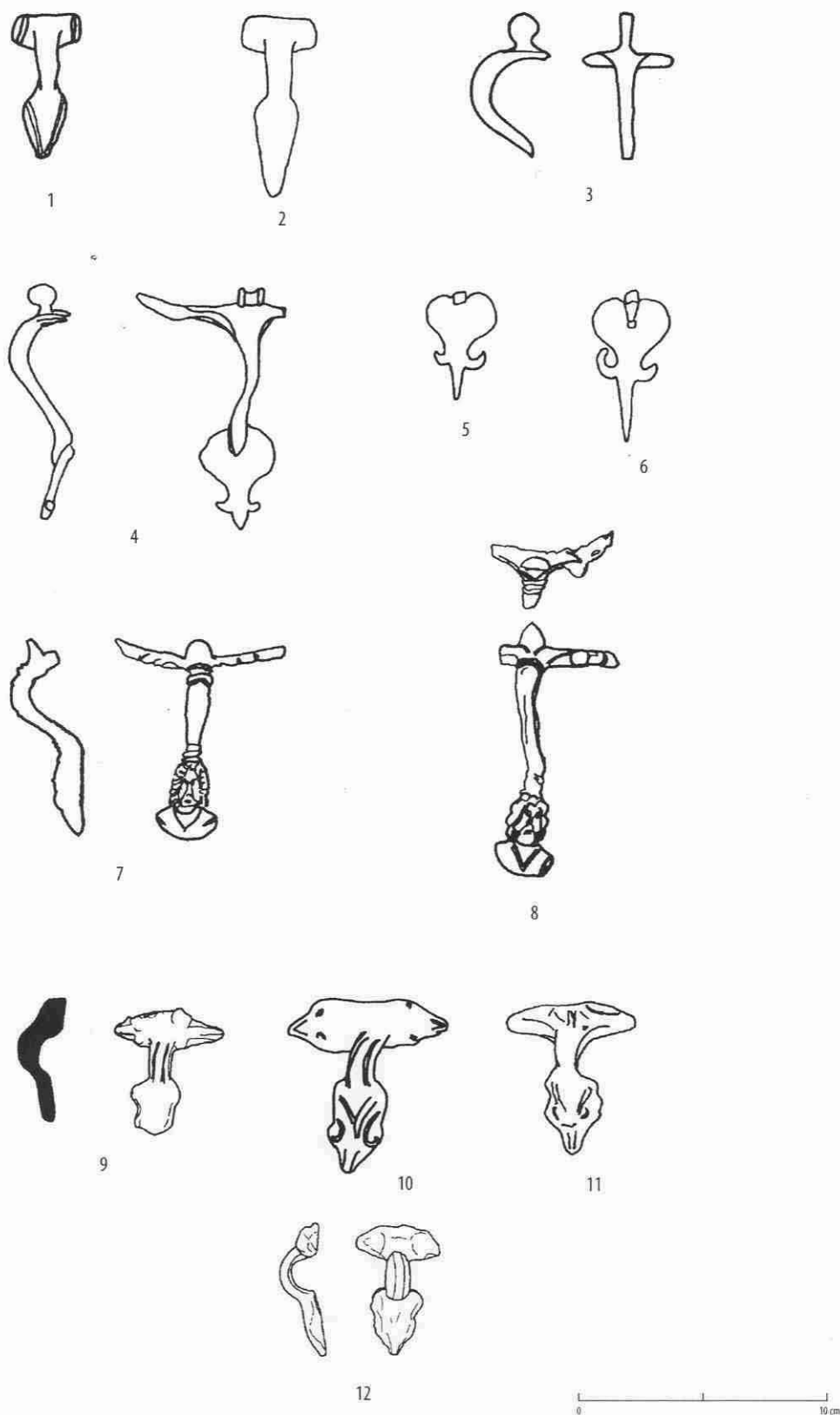


Fig. 6 - Asas de copos e jarros em bronze. n.ºs 1 a 8, 10 e 11 - Cabeça de Vaiamonte, Monforte. n.º 9 - Mesas do Castelinho, Almodôvar. n.º 12 - Citânia de Briteiros, Guimarães, segundo Höck, 1986.

Provavelmente, o aspecto mais curioso desta última peça que, diga-se, não é o único elemento de baixela metálica de bronze tardo-republicana ali recolhida, é o de pertencer a um contexto (entenda-se, o do povoado em geral) onde não são muito abundantes as importações itálicas, ao que parece circunscritas a fragmentos de “paredes finas”, denários de prata, escassos fragmentos de ânforas e imitações de cerâmica campaniense em cinzenta fina polida. Trata-se pois de um conjunto de importações onde aparece claramente valorizada a componente do consumo do vinho — regista-se mesmo a presença de gráinhas de uva, no local (Fernández Gómez, 1986). Este conjunto é particularmente sugestivo por documentar, por um lado, a extensão para o interior e área setentrional da viticultura (provavelmente, também, da produção vínica), em um contexto onde o feixe de influências, expresso nas importações, inclui já uma componente peninsular, provavelmente originária de regiões próximas (as imitações de campaniense, se não mesmo, também, algumas das “paredes finas”). Nesta sociedade que já consome vinho (provavelmente mesmo localmente produzido) a baixela metálica e os recipientes de beber vêm de fora. Num plano mais estritamente “artefactual”, não deixa de ser interessante registar como os elementos de baixela metálica podem surgir como um dos raros elementos de importação; em outro plano, mais “etnográfico”, chamemo-lhe assim, constitui um dos mais expressivos elementos.

3.3. Ânforas, jarros e copos

De ânforas, jarros e copos, normalmente só conhecemos também os elementos mais resistentes, particularmente as asas, por razões análogas às dos coadores — naturalmente, os contextos residenciais onde estes objectos foram encontrados contribui para um mais deficiente estado de conservação. Excepção absoluta a esta regra é justamente o conjunto de Moldes, Castelo de Neiva, onde se encontraram os três copos do tipo Idria inteiros aos quais faltam somente as asas, tendo mesmo sido alvitado que poderiam não as ter tido (Almeida, 1980a, p. 250), v. Fig. 1 — uma hipótese mais plausível, até pelas características do depósito, parece-me ser a de que já teriam perdido as asas e sido usados sem as ditas, antes do momento do abandono.

Justamente esta situação diferenciada de conservação — que por vezes se limita a pequenos fragmentos, por exemplo, da ligação de base da asa, o elemento mais frequente, que tanto pode pertencer a copos do tipo Idria, como a ânforas do tipo Agde ou ainda a uma apreciável variedade de jarros (Feugère e Rolley, 1991, *passim*) —, justifica o agrupamento que aqui se propõe, uma vez que, em muitos casos não é possível saber se se trata de motivos associados a jarros, ânforas ou copos; assinale-se que uma opção análoga tomou o autor da publicação dos materiais do Museu Priego de Córdoba (Pozo Rodríguez, 1998, p. 51). Outras peças, como as asas de jarros do tipo Piatra Neamt, pela sua singularidade, não suscitam qualquer espécie de dúvida.

Sítio arqueológico	jarro / ânfora	Copo	Indeterm.
Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo (1)		3 copos de tipo Idria	
Sabroso, Guimarães (2)		1 asa	
Monte Mòzinho, Penafiel (3)		remate inferior de asa	
Conimbriga, Condeixa-a-Nova (4)		1 asa de copo do tipo Idria	
Cabeça de Vaíamonte, Monforte (5)	Fragm. de bordo de ânfora do tipo Agde (?); 2 asas de jarros do tipo Piatra Neamt; 1 asa de tipo desconhecido	3 asas de copo do tipo Idria, de diferentes morfologias	3 asas e 2 remates inferiores de asas
Castelo Velho de Veiros, Estremoz (6)			1 remate inferior de asa
Chibanes, Palmela (7)			1 remate inferior de asa
Castelo Velho de Santiago do Cacém (8)		1 asa de copo do tipo Idria	
Torre de Aires, Tavira (9)			1 fragmento da parte superior de uma asa

(1) Segundo Almeida, 1980a e 1980b e Silva, 1986, p. 173 e 199, v. Fig. 1.

(2) Segundo Cortez, 1950, p. 56 e Fig. 1 e Höck, 1986, p. 46 Abb 1.

(3) Segundo Almeida, 1974, Est. I, n.º 1 e XXVIII, n.º 2 e Soeiro, 1984, Est. CXXX, n.º 2.

(4) Segundo Alarcão; Ponte, 1979, p. 154, Pl. XXXVIII, n.º 14.

(5) Materiais depositados no MNALV - Fig. 6, n.º 1 a 8.

(6) Coleção particular.

(7) Coleção Marques da Costa depositada no MNALV; Costa, 1910, Est. X, n.º 527.

(8) Exemplar exposto na Sala de Arqueologia do Museu de Santiago do Cacém.

(9) Trata-se de um fragmento de asa de jarro ou copo, que pertencia a um colecionador da Fuzeta, de nome Pacheco, cuja fotografia foi publicada por M.^a Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos (Santos, 1971, p. 255 e Fig. 109).

O que atrás se escreveu para os outros objectos, pode aplicar-se, *mutatis mutandis*, aos exemplares destas séries: carácter tardio do conjunto de Moldes, o que sugere poder tratar-se, de facto, ou de material para refundir ou esconderijo do produto de um saque, como foi sugerido (Almeida, 1980a, 1980b) — recorde-se que as datas mais tardias conhecidas para copos do tipo Idria são 15-9 a.C., atribuídas ao conjunto de Dangstetten, e reconhecidamente tidas como próprias de objectos residuais (Feugère, 1991b, p. 55), âmbito que nem seria incompatível com a cronologia proposta para as ocultações de Moldes — ; a ausência de um bom contexto estratigráfico para a peça de Conímbriga, recolhida num estrato relacionado com a construção das termas ditas de Trajano (Alarcão; Ponte, 1979, p. 154); ausência de contextos claramente definidos para as peças dos sítios do Sudoeste, embora em todos eles se verifiquem ocupações que dão consistência às datações republicanas — mesmo a peça de Torre de Aires, Tavira, poderá enquadrar-se entre os poucos materiais de época republicana conhecidos no local. Os outros dois exemplares do Noroeste correspondem a situações bem distintas: o do Sabroso, Guimarães, foi encontrado num povoado com materiais de época republicana (Silva, 1986, p. 31); enquanto o de Monte Mòzinho, Penafiel, parece ser fundamentalmente uma criação já posterior à conquista romana (Soeiro, 1984). Não creio, contudo, que se deva atribuir uma excessiva importância a este facto, quer pela natural longevidade das peças deste tipo, quer pela mais que plausível existência de um momento de fundação enquadrável no âmbito da fase final das guerras de conquista do Noroeste peninsular. Contudo, em alternativa, pode admitir-se que o remate de asa do Mòzinho pertencesse, de facto, a um jarro do tipo Eggers 122, também chamado do tipo Kjaerumgaard, que se teria fabricado ainda durante todo o primeiro quartel do séc. I d.C. (Boube, 1991, p. 37-38), o que concor-

daria plenamente com os restantes dados arqueológicos ali recolhidos (Soeiro, 1984; Carvalho, 1993) e, objectivamente, a excluiria do conjunto dos elementos de baixela metálica tardo-republicanos.

De todo o conjunto listado, sobressai o sítio da Cabeça de Vaiamonte, Monforte, não só pela quantidade de peças que forneceu, mas também pela apreciável diversidade de formas que regista: ânfora de tipo Agde (difícil de identificar de um modo categórico, por se tratar somente de um fragmento de bordo, ainda que lhe possa pertencer também a asa da Fig. 6, n.º 4), jarros de tipo Piatra Neamt (Fig. 6, n.ºs 7 e 8), copos de tipo Idria e elementos de asas que poderão admitir a presença de outras variantes (Fig. 6, n.ºs 1 a 3). Infelizmente, pelo modo como decorreram as escavações, já devidamente comentado em outros lugares (Fabião, 1996, 1998b), o espólio de Vaiamonte no MNALV encontra-se reduzido a estes elementos metálicos e a um numeroso conjunto de fragmentos de folhas de bronze (dobradas, torcidas, partidas). Pelas limitações que o seu estado de conservação me impôs, não garanto que não possam existir ainda mais elementos, o que só um tratamento sistemático dos materiais permitirá apurar. A diversidade das pequenas asas, provavelmente associadas ao mesmo tipo de copo, sublinha, por outro lado, a diversidade das origens e fabricos ali registados — à falta de outros critérios mais sólidos, refira-se que os diferentes graus de oxidação, bem como as distintas consistências e colorações que apresentam sublinha justamente essa diversidade de fabricos/origens(?). Temos, assim, uma situação em que quantidade de exemplares e diversidade de origens/fabricos(?) concorrem para sublinhar a singularidade do conjunto de Vaiamonte, assumindo particular importância para a sua interpretação, como se comentará.

A estas peças do território hoje português poder-se-ia juntar, ainda, os três exemplares de Villavieja del Tamuja, Botija, Cáceres: respectivamente, uma asa que, pelas suas dimensões deverá ter pertencido a um copo do tipo Idria (Hernández Hernández, Rodríguez López e Sánchez Sánchez, 1989, Fig. 58, n.º 630); um fragmento de asa que pode ter pertencido a um copo ou a um jarro (Hernández Hernández, Rodríguez López e Sánchez Sánchez, 1989, Fig. 16, n.º 108); e um remate inferior de asa, aparecido à superfície, juntamente com outros materiais romanos, na necrópole de El Mercadillo, associada a uma fase mais antiga do povoado (Hernández Hernández e Galán Domingo, 1996, p. 80 e Fig. 47, n.º 6) —; naturalmente, para não falar, uma vez mais, nas peças de Cáceres el Viejo ou da asa do Raso de Candeleda, Ávila.

O aspecto que me parece mais interessante deste conjunto é justamente o de documentar uma transformação importante nos contextos do consumo, onde ânforas e jarros constituem óbvios componentes de um serviço de “mesa”, juntamente com os copos.

3.4. Asas de um tipo desconhecido

Para além das peças de bem conhecidos tipos, há uma outra que, creio, estará intimamente relacionada com os ambientes de difusão e uso da baixela metálica itálica, mas para a qual não conheço paralelos. Trata-se de uma pequena asa, ou pega, com duas superfícies de aderência ao suporte a que se ligaria: o superior(?), constituído por uma placa rectangular, levemente recortada; o inferior(?) por uma espécie de remate fitomórfico, onde se poderá vislumbrar, também, uma sugestão ofiolátrica — infelizmente, nenhum dos exemplares conhecidos se encontra em estado de conservação que possibilite observações ou conclusões categóricas. Entre estas duas superfícies de ligação, onde quase sempre se conservam vestígios do elemento que possibilitava a soldadura (estanho?), há uma asa ou pega, levemente arqueada; que, pelo seu desenho, difícil-

mente deixaria passar um dedo, a menos que o objecto a que se ligasse tivesse um perfil sinuoso (copo?), de muito pronunciada concavidade — é esta a razão que me faz supor tratar-se mais de uma pega, do que de uma asa. Pelas suas dimensões e desenho, afigura-se aceitável supor tratar-se de uma pega/asa vertical (daí a sugestão avançada de uma ligação superior e outra inferior), mas também não será de excluir a possibilidade de constituir um elemento de fixação horizontal (por exemplo, de uma tampa).

Os primeiros exemplares que pude identificar encontram-se entre os materiais trazidos da Cabeça de Vaiamonte, Monforte, para o MNALV, pela equipa do Sr. João Lino, que ali efectuou as

escavações, sob as ordens de Manuel Heleno (Fig. 6, n.ºs 10 e 11). Infelizmente, a ausência de coordenadas precisas, impede-nos de saber a que exacto contexto poderia ter pertencido a peça; contudo, o facto de ter sido recolhida no sítio arqueológico que forneceu a maior colecção conhecida, no espaço hoje português, de elementos de baixela metálica romana tardo-republicana (v. Fig. 7), bem como as suas características, sugerem poder tratar-se de um elemento de preensão associado a um qualquer objecto executado em folha de bronze. Por outro lado, a sequência de ocupações do local, que se pode “reconstituir/deprender” dos espólios recolhidos, permite supor que a peça poderia datar de época romana republicana.

O MNALV conserva também um exemplar análogo proveniente de Chibanes, Palmela, pertencente à antiga colecção de Marques da Costa. Tive, ainda, a oportunidade de examinar um novo exemplar análogo aos anteriores, até nas dimensões, recolhido no Castelo Velho de Veiros,

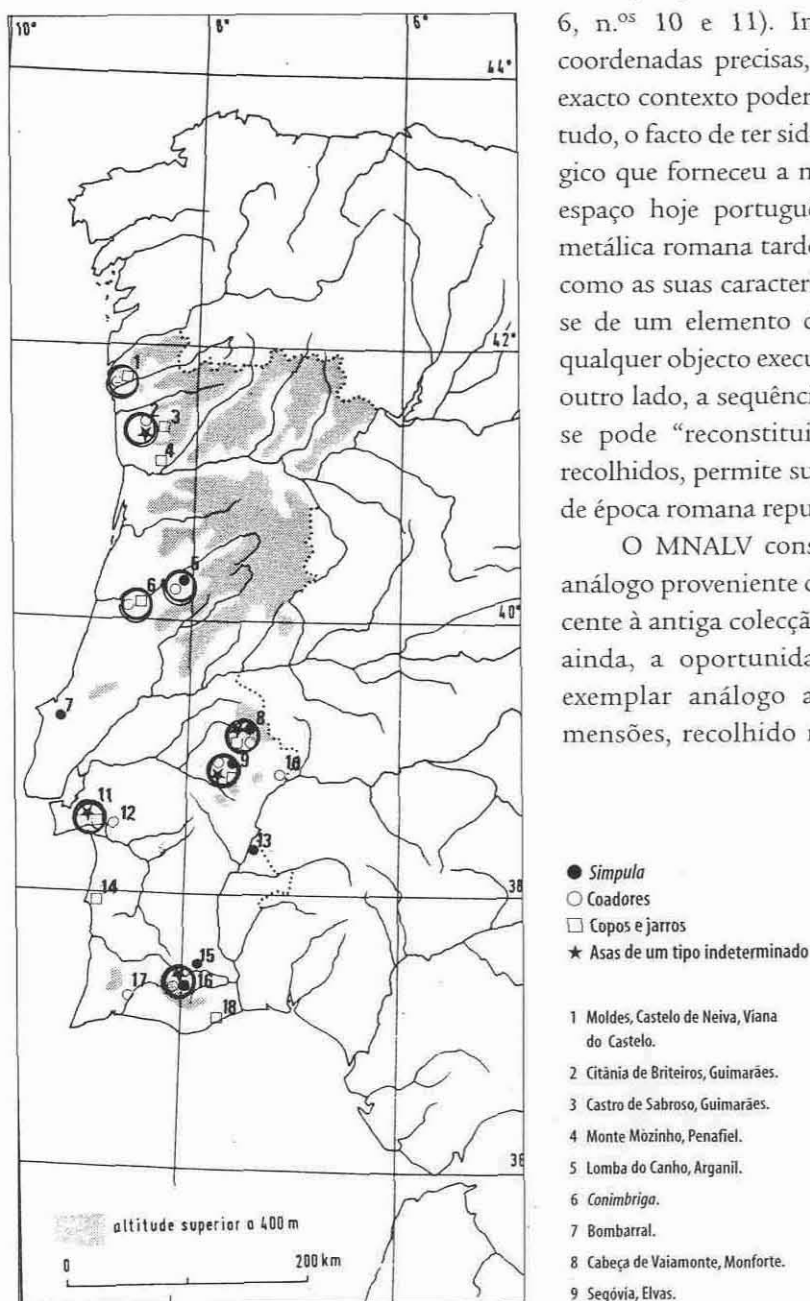


Fig. 7 Carta de distribuição dos elementos de baixela metálica em bronze, tardo-republicanos.

Estremoz, com o auxílio de um detector de metais (a peça pertence a um colecionador, justamente o mesmo que conserva o conjunto de elementos de baixela metálica deste sítio arqueológico, acima listados); um outro sítio com importantes níveis de ocupação do período de conquista, como já tive o ensejo de comentar. Finalmente, na campanha de escavações, de 1997, em Mesas do Castelinho, foi encontrada nova peça idêntica, em nível estratigráfico da Plataforma B (Sector B-2), v. Fig. 6, n.º 9, que, embora superficial e não isento de distúrbios (designadamente silos muçulmanos), entregou sobretudo materiais de época romana republicana. Finalmente, regista-se uma peça semelhante, ainda que de menores dimensões, na Citânia de Briteiros, Guimarães (Höck, 1986, p. 51, n.º 215; v. também Fig. 6, n.º 12).

Este conjunto de exemplos, apesar da sua indefinição estratigráfica, sugerem âmbitos cronológicos relativamente coerentes e, a sua distribuição geográfica é também relativamente circunscrita, à excepção da peça de Briteiros — assinala-se, contudo, que por se tratar de peças presumivelmente importadas, a distribuição geográfica também se não poderá considerar relevante. Particularmente interessante me parece o facto de se registar uma coincidência entre a distribuição destas peças e a dos restantes elementos de baixela metálica de época romana republicana, o que justifica que inclua a sua relação, neste sub-capítulo.

Assim, julgo que será verosímil supor que se trata, de facto, de um elemento de baixela metálica, provavelmente também de produção itálica; ou, no mínimo, de uma componente de uma peça difundida e usada no mesmo contexto e ambiente em que as típicas formas romanas republicanas circularam, na Península Ibérica. Infelizmente, por não ter logrado identificar qualquer paralelo, não poderei, também, apresentar qualquer proposta relacionada com as áreas de produção e difusão (bem entendido, para além do extremo ocidente da Península Ibérica, no que toca a áreas de dispersão); muito menos, sobre a morfologia do objecto a que estaria associado. Como normalmente sucede com os elementos de baixela metálica encontrados em contexto de habitat, conservou-se somente a componente de preensão, por ser mais espessa.

Para além dos exemplares encontrados no território hoje português, conheço um outra peça do mesmo tipo encontrada em “Azores”, Priego de Córdoba, infelizmente sem contexto (Pozo Rodríguez, 1998, p. 51-52 e Fig. 11). A mesma dificuldade em identificar paralelos levou Salvador Pozo Rodríguez a atribuir-lhe uma prudente (mas manifestamente pouco útil) datação de entre o séc. I e o III d.C. (Pozo Rodríguez, 1998, p. 52), creio, no entanto, que os poucos dados que se puderam obter no ocidente peninsular, aconselham preferencialmente um enquadramento na época tardo-republicana. Por outro lado, julgo que o escasso número de exemplares conhecidos se deverá mais à ausência de publicação do que a uma efectiva raridade do tipo. Com os dados disponíveis, seria tentador considerar as asas deste tipo como um artefacto tipicamente hispânico. Contudo, a escassez de elementos disponíveis e a ausência de análises arqueométricas aconselha uma maior prudência nesta atribuição.

4. Comentário

Não se afigura fácil comentar os eventuais significados da presença dos artefactos pertencentes a estas categorias funcionais, no actual território português. À primeira questão, produções locais ou artigos importados, julgo que só as análises arqueométricas poderão, talvez, fornecer respostas categóricas e conclusivas. Constituem, porém, estudos necessariamente bastante complexos e especializados, que teriam sempre de perspectivar-se em âmbitos geográficos mais amplos que os de um só espaço nacional, actual (Pernot, 1991), pela uniformidade tipológica e

ampla difusão que estas peças registam — escusado me parece dizer que, entre nós, ainda nada foi ensaiado, neste domínio. Para além do mais, pela sua escassez e pela simplicidade dos exemplares conhecidos, bem como pelo deficiente estado de conservação em que frequentemente se encontram, não me parece possível ensaiar, sequer, qualquer tratamento estilístico, como o realizado para os exemplares de jarros de tipo *Piatra Neamt*, em Marrocos (Boube-Piccot, 1987-1988) — o facto de se conhecerem somente dois exemplares de asas deste tipo, ambos recolhidos na Cabeça de Vaia Monte, e não particularmente bem conservados, torna também pouco viável ou interessante um tal ensaio, até mesmo qualquer comparação.

As únicas considerações que se poderão fazer são, basicamente, a verificação de que existia na Península Ibérica, nas mais diversas regiões, a conjugação de todos os elementos necessários para a elaboração destas peças: as matérias-primas, os conhecimentos técnicos e a tecnologia necessária para o efeito. Se esta conjugação era suficiente, só investigações futuras o poderão determinar. Parece-me, todavia, importante frisar que, atendendo aos contextos conhecidos, tudo indica que os mais antigos exemplares tenham sido, de facto, importados; e, se houve produção peninsular, tal fenómeno correspondeu àquilo a que se poderá chamar, sem grandes dúvidas, um fenómeno de imitação. Pode dizer-se, pois, que se não sabemos se foram localmente produzidos os artigos, os protótipos foram seguramente importados.

No que diz respeito às regiões setentrionais, e mais concretamente ao depósito de Moldes, poder-se-á adiantar uma proposta de enquadramento técnico, que não passará, todavia, de uma mera hipótese. De facto, as recentes investigações na área de Las Médulas, particularmente nos castros de Corona de Corporales e Castrelín de San Juan de Paluezas, possibilitaram algumas interessantes observações sobre a metalurgia local e suas transformações sob o domínio romano (Fernández-Posse, Montero, Sánchez-Palencia e Rovira, 1993). No segundo local, foi escavada uma área relacionada com a actividade metalúrgica onde se concentravam abundantes artefactos metálicos, quase sempre degradados, associados a fragmentos de moldes, relacionados com práticas de aproveitamento sistemático do metal, por parte dos artífices. A semelhança relativamente ao local de Moldes é particularmente expressiva, ainda que deste último se não conheça o contexto preciso de recolha, não faltando mesmo fragmentos de moldes para o fabrico das típicas sítulas com decoração geométrica (Fernández-Posse, Montero, Sánchez-Palencia e Rovira, 1993), de que se recolheu também um fragmento de molde em Castelo de Neiva (Almeida, 1982, p. 22, Fig. 6, n.º 6).

A situação documentada para as actividades metalúrgicas em Las Médulas é interessante por apresentar um panorama produtivo de âmbito arcaico e profundamente local, onde não falta, porém, a prova da produção de um artigo, como a sítula de decoração geométrica de complexa elaboração (Nunes, 1958) e (facto bem mais interessante) de fabrico padronizado e extensamente registado em toda a região do Noroeste — ao panorama traçado por Carballo Arceo (1983), haverá que acrescentar, pelo menos, os novos fragmentos de moldes do Castro de S. António, Afife, Viana do Castelo (Silva, 1986, p. 168 e Est. LXXXIII, n.º 13 e CXLIII, n.º 3), de Braga (Martins, 1988), bem como os de Castrelín de San Juan de Paluezas (Fernández-Posse, Montero, Sánchez-Palencia e Rovira, 1993, p. 210-212 e Lám. 1), o mais oriental de todos; por outro lado, e apesar de nos faltarem os estudos arqueométricos, parece bastante claro que a esta região (o Noroeste peninsular) se deveria circunscrever o seu fabrico, já que aos múltiplos moldes e peças locais se contrapõem somente as escassas presenças de peças acabadas em áreas mais meridionais (Lomba do Canho, Arganil, Conímbriga e Pedrão, Setúbal), o que sublinha a correcta apreciação de Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1974, p. 14), contra a proposta que chegámos a avançar em outro local (Nunes, Fabião e Guerra, 1989, p. 408). Estes dados remetem, pois, para um contexto artesanal

onde existia uma evidente circulação de ideias e modelos, adoptados e reproduzidos em diferentes paragens, justamente na época em que por aqui teriam começado a chegar as primeiras peças de baixela de bronze itálica (trazidas pelos próprios romanos, ou obtidas por mais complexas redes de intercâmbio ou por acções de saque).

Bem entendido, estas considerações não demonstram de modo algum que possa ter existido no noroeste peninsular uma produção de elementos de baixela metálica que reproduzisse os protótipos itálicos. Esclarecem, porém, as circunstâncias em que se desenvolvia a metalurgia local que, no seu arcaísmo, não deixava de registar uma apreciável sofisticação técnica — isto é, havia capacidade local para fabricar tais objectos; e também uma suficiente rede de contactos por onde circulavam ideias e protótipos — ou seja, um quadro cultural e social de produção, que permitiria a aquisição de novos modelos e a sua transmissão entre artífices de distintos aglomerados. Resumindo, não existiam inibições técnicas nem culturais a uma rápida aquisição de novos modelos e sua reprodução pelos artífices locais.

Infelizmente, para paragens mais meridionais, justamente aquelas onde compreensivelmente se regista uma mais precoce chegada (e também mais ampla presença) de elementos de baixela metálica tardo-republicana, não dispomos de elementos comparáveis para uma correcta avaliação dos contextos socio-culturais da metalurgia. A suposição de que tais actividades se enquadrariam num âmbito social mais complexo e de que existiria uma maior sofisticação tecnológica, embora verosímeis, carecem de uma efectiva fundamentação arqueológica — para não dizer que não existiria necessariamente uma uniformidade entre as áreas litorais e as do interior. No entanto, por maioria de razões, os pressupostos enunciados para o noroeste (sofisticação tecnológica, quadros culturais de ampla circulação de modelos e ideias) também aqui se verificariam, com a vantagem acrescida de se ter verificado um mais precoce e perene contacto com os agentes da conquista romana.

Haveria, portanto, em todo o ocidente peninsular o conjunto de circunstâncias necessárias ao surgimento e desenvolvimento de fabricos locais de elementos de baixela metálica, reproduzindo os modelos itálicos. O que não significa, bem entendido, que tal tivesse acontecido.

Sobre os modos como teriam chegado ao ocidente peninsular as peças mais antigas da baixela metálica de bronze tardo-republicana, creio que não haverá grandes dúvidas. Para além da sua boa representação em sítios como Azaila, Teruel (Beltrán Lloris, 1976, p. 166-173 e Figs. 42-44), bem como em outros locais da *Citerior* (Martín Valls, 1990), haverá a registar os exemplares encontrados entre o espólio dos acampamentos do cerco de *Numantia* (Schulten, 1929, *passim*), ainda que nem sempre de cronologia segura, conhecida que é a dificuldade em articular os espólios de cada campo, com as interpretações históricas que deles fez o investigador alemão. As peças dos Campos de *Numantia* têm, ainda, a peculiaridade de constituírem o mais antigo registo de penetração para o interior de objectos cuja distribuição se documenta, sobretudo, no litoral — apesar das falhas, v. as distintas cartas de distribuição publicadas no decurso do Colóquio de Lattes (Feugère e Rolley, 1991). Todos se podem considerar associados a contextos da conquista romana ou a fases antigas do fenómeno de assimilação cultural a que se costuma chamar “romanização”; pelo que não fará qualquer sentido evocar paralelos ou contextos do *La Tène tardio*, que terão somente alguma pertinência (se a tiverem...) para outras regiões, que mais tardiamente contactaram com Roma.

Conhecemos materiais deste tipo, designadamente *simpula*, no interior de navios naufragados na bacia do Mediterrâneo, indicando, pois, os meios de difusão dos mesmos: designadamente no chamado naufrágio de Spargi, Sardenha (Pallarés, 1979, p. 180-181 e 1986), datado de c. 100 a.C.; de Ponte de Pomègues, Marselha, datado também entre os fins do séc. II e os inícios do I a.C.

(Feugère, 1991a, p. 74) ; de Taillat, St. Tropez (Joncheray, 1987, p. 137-138), datado da primeira metade do séc. I a.C.; e no dito de Titan, Ilha do Levante, Toulon (Tailliez, 1958, Fig. 10), presentemente datado dos inícios da segunda metade do séc. I a.C. (Tchernia, 1990, p. 301). Em todos os casos, porém, tratava-se, ao que tudo indica, de material pertencente ao equipamento da tripulação e não a artigo de exportação. O conjunto das referências apresenta, contudo, a interessante peculiaridade de se não circunscrever a um único período, o que sugere que, em diferentes épocas, desde o séc. II a fases já avançadas do I a.C. estes artigos continuavam a circular, vindos da Península Itálica — não haverá motivos, portanto, para supor que a um primeiro momento de importação, se pudesse ter seguido um outro de produções locais.

As considerações sobre as vias e contextos de chegada, distribuição/circulação destes objectos sublinham bem o carácter precário da informação com que aqui se lida. De facto, a simples observação do mapa da Fig. 7 sublinha eloquentemente as limitações da cartografia de achados: poucos materiais documentados no litoral, relativamente aos do interior, e sobre-representações locais, decorrentes das desigualdades da investigação. Trata-se, porém, de um ponto de partida, que deverá ser enriquecido e completado com novos dados.

Na ausência de abordagens tecnológicas, há, no entanto, alguns dados que merecem consideração e que poderão revestir-se de algum interesse para a discussão do tema.

Em primeiro lugar, os vestígios de reparações. Pelo seu estado de conservação, a maioria dos exemplares conhecidos não permite informações sobre reparações que eventualmente tenha havido. A excepção a esta regra foi proporcionada por um dos exemplares de *simpulum* de pega horizontal do tipo A encontrado na Cabeça de Vaiamonte, Monforte (Fabião, 1996, Fig. 10), justamente o sítio arqueológico do Sudoeste que maior número de objectos deste tipo forneceu. A peça partiu-se na ligação entre o terço inferior e o intermédio da pega, fractura complicada de resolver, já que ocorreu justamente em um dos elementos de ligação, o que, provavelmente, não permitiria uma solução, simples, de conserto por martelagem e fixação com rebites (Fig. 2, n.º 1), como se verifica no exemplar, também reparado, de Cáceres el Viejo, que ficou, simplesmente, um pouco mais curto (Ulbert, 1984, Taf. 15, n.º 97). A solução, engendrada pelo artífice que consertou o exemplar de Vaiamonte, passou, também, por um encurtamento substancial da peça, prescindindo-se, deste modo, de todo o terço inferior da pega. Na zona fracturada, um rebite metálico uniu dois arames divergentes que abraçam o colo da concha: um, dobrado sobre si próprio e soldado, formou uma argola, por onde passava o segundo que, dobrado também, sobre si próprio, vinha enrolar-se em torno da pega, garantindo a necessária tensão para a fixação da concha (Fig. 2, n.º 1). Por inépcia(?) do artífice, a parte decorada do terço superior da pega ficou para baixo, relativamente ao plano do bocal da concha, isto é, invisível, durante a sua utilização. A peça estaria ainda em uso quando se perdeu (ou foi abandonada), uma vez que se encontrava inteira — refira-se que esta observação só foi possível por ter sido esta peça restaurada, por sugestão minha, no âmbito dos trabalhos escolares da Escola Superior de Restauro, ano lectivo de 1995-96, tendo cabido a José Lourenço Gonçalves a sua execução.

Esta peça fornece, em meu entender, duas informações importantes. Em primeiro lugar, que a dita era suficientemente importante e “rara”, para justificar todo o investimento feito na sua reparação. De facto, se se tratasse de um fabrico local, não creio que o exemplar tivesse merecido estes cuidados — há que não esquecer, porém, que o abandono em Vaiamonte, não significa forçosamente que a reparação ali tenha sido feita. Por outro lado, implicou uma transformação morfológica do objecto, que não afectou, contudo, os seus aspectos funcionais; o que parece relacionável com a nula consideração que, ao artífice que a reparou, mereceu a sua decoração. Pode dizer-se, pois, que aquela acção se destinou, exclusivamente, a garantir a sua funcionalidade, sem cuidar do

que poderíamos chamar as questões “acessórias” do objecto (a sua decoração); pelo que se poderá depreender tratar-se de uma peça, efectivamente, em uso, nada fazendo crer que pudesse estar destinada a uma função outra, se não aquela para que teria sido fabricada. Infelizmente, estas duas observações não permitem responder a essa outra questão que é a de indagar se o seu utilizador seria indígena ou romano. O facto de se ter registado também uma reparação em uma das peças do estabelecimento de Cáceres el Viejo poderia sugerir que estes *simpula* eram, de facto, peças importadas e usadas por romanos que, perante acidentes, se viam na necessidade de reparar as ditas, por manifesta impossibilidade de as substituir. Esta interpretação, embora sugestiva, requer um número maior de casos conhecidos, para se poder considerar minimamente consistente.

Perante estes artefactos, tão característicos e, tão estreitamente relacionados com práticas sociais concretas, coloca-se naturalmente a questão de saber se a sua presença nos contextos arqueológicos peninsulares representa a introdução de um hábito, até então inexistente, ou se constitui, somente, a assimilação de uma “variante artefactual nova”, diferente, de um objecto já conhecido e usado, em processo de substituição, correspondente à assimilação de uma panóplia, que caracteriza os novos ambientes “romanizados”. No limite, poder-se-á perguntar, também, se o *simpulum*, em si, representa a adopção das práticas de consumo e sociabilidade a que está ligado no mundo clássico, ou tão somente a aquisição/conservação/reprodução(?) de um objeto exótico, a que se atribui algum valor apenas por o ser. Como se compreenderá, não é fácil responder a tais dúvidas, embora pareça aceitável avançar hipóteses minimamente sustentadas.

Como bem assinalou Martín Valls (1990), seguindo observações já feitas por W. Schüle (1969), há *simpula* no mundo celtibérico, designadamente os típicos exemplares com asas rematadas por cabeças de bovinos, encontrados nas necrópoles, onde são conhecidos alguns exemplares, de tipos e contextos inegavelmente pré-romanos, o que poderá sugerir a existência de práticas de *symposion*, naquela região, assimiladas a partir dos elementos culturais helenísticos (etruscos, ou outros...). Aliás, interpretações análogas têm merecido os recipientes de cerâmica ática, também eles associados a estas práticas, encontrados na Península Ibérica — para o caso português, v. Arruda, 1997. Esta situação, quando aplicada aos *simpula*, não deixa de ser arqueologicamente insólita, uma vez que os ditos artefactos se conhecem somente em áreas de interior, tradicionalmente remetidas para um mundo continental, que só lentamente recebe e assimila influências helenísticas, sendo absolutamente desconhecidos nos contextos do litoral e meridionais, tidos por mais “helenizados”, directamente ou por interpostos etruscos e/ou púnicos. O facto de se conhecerem sobretudo em necrópoles, contrariamente ao que se verifica com os seus congéneres de época republicana, não merecerá uma valorização em particular, na medida em que se desconhecem as necrópoles dos sécs. II-I a.C., como já houve a oportunidade de comentar — será, contudo, um dado a reter para futuras comparações.

Ainda sobre os contextos sociais do consumo de bebidas (e comidas) no mundo indígena do Sudoeste, creio que vale a pena recordar a magnífica reconstituição que Luis Berrocal-Rangel fez da cerimónia associada ao chamado altar de Castrejón de Capote (1994a, p. 263-276). Como bem frisou o Autor, o tipo de sociedades existente no Sudoeste interior — panorama que se não deve extrapolar para as regiões litorais —, assimilaria mal práticas sociais que supõem a existência da “realeza” ou mesmo de fortes “aristocracias”. Assim, parece legítimo aceitar que as festividades, com grandes consumos alimentares, decorressem em outras circunstâncias e enquadramentos, pelo que se questiona qual teria sido a função precisa de tais objectos, no seio destas sociedades — convém não esquecer, todavia, que o *simpulum* encontrado nas imediações do “altar” do Castrejón de Capote não estava associado às cerimónias ali realizadas, mas antes a um momento posterior da ocupação.

Como não poderia deixar de ser, esta interrogação é reforçada pelo facto de se conhecerem, entre as cerâmicas de fabricos locais/regionais do Sudoeste, recipientes que parecem reproduzir as formas áticas (Fabião, 1998b) — e a questão coloca-se, somente, no plano das cerâmicas, uma vez que se não conhecem *simpula* pré-romanos, nestas paragens. Por outro lado, se houve, efectivamente, uma continuidade demográfica e cultural nas populações desta região, como parece sugerir a estabilidade e continuidade verificada no povoamento, como em outro local defendi (1998b), não haverá nenhum motivo para supor que entre o séc. IV e o II a.C. se tenham perdido as tradições simposiastas (e, de certo modo, aí estão os *simpula* celtibéricos a preencher a lacuna cronológica, ainda que somente para aquelas regiões). Em abono desta hipótese, pode referir-se, ainda, o facto de as tigelas, forma cerâmica muito abundante e característica do Sudoeste, se encontrarem habitualmente associadas mais aos serviços de bebida, do que aos de comida (Guillamet, 1991). Embora pareça verosímil reconhecer nesta forma cerâmica um recipiente de bebida — recorde-se, que é a mais abundantemente representada em Garvão (Beirão; Silva; Soares; Gomes; Gomes, 1985 e 1987) e Capote (Berrocal-Rangel, 1994) —, a aceitação desta função não deixa de colocar sérias dificuldades para o estabelecimento de qual poderia ser o recipiente destinado a alimentos sólidos das populações pré-romanas da região. Trata-se, pois, de uma questão que continuará em aberto, aguardando nova informação que permita avançar com mais fundamentadas propostas.

Assim, a questão fundamental de saber se estamos perante artefactos novos, associados a desconhecidas práticas sociais, ou a “variantes alternativas”, valorizadas, sobretudo, por se encontrarem associadas a um novo poder que se instala e às transformações sociais que implicou, terá de permanecer em aberto. A ausência de *simpula* pré-romanos no ocidente poderia ter algum significado, contudo, o já aludido desconhecimento de um número significativo de necrópoles reduz substancialmente o valor deste “argumento de ausência”. No entanto, não creio que esta ausência deva ser desprezada, até porque poderá ter um significado mais relevante.

Creio que se poderá ensaiar um teste a este tema, através de uma outra interrogação, paralela, por assim dizer, e que consistirá em saber se os *simpula* republicanos eram, ou não, objectos utilizados no ocidente com a mesma função que tinham no mundo romano. Aqui, julgo que a resposta poderá ser mais consistente. Atendendo a que, na Cabeça de Vaiamonte se conservam restos de todos os objectos que compunham o serviço de bebida, tal como tem sido caracterizado, na Península Itálica e mesmo na Europa Central (Guillamet, 1991) — nestes locais, normalmente, em contextos funerários, o que, de algum modo, garante tratar-se de conjuntos completos; ou, melhor dizendo, permite recensear todos os artefactos que presumivelmente compunham o dito serviço, incluindo, também, a sua componente cerâmica —, não constituirá excessiva ousadia afirmar que, de facto, entre a comunidade instalada naquele povoado do nordeste alentejano existia, de facto, perfeitamente assimilado o ritual do consumo de bebidas, tal como se fazia em outras paragens; e, o que poderá ser mais interessante, utilizando objectos novos (no sentido de serem, até então, desconhecidos), ou variantes “alternativas” de artefactos já conhecidos e usados.

De facto, aqui poderá residir a principal diferença, o serviço de bebida, composto por baixela metálica importada (ou reproduções locais de protótipos forâneos) não se destinaria já a servir nos festins comunitários, mas sim a servir instrumentalmente novas práticas de consumo de tipo “aristocrático” — ou, “diferenciado”, para evitar a carga social que o contexto de aristocracia implica. Uma vez mais, Luis Berrocal-Rangel terá equacionado bem a questão, embora relacionando erradamente os *simpula* com a presença de uma elite celtibérica (Berrocal-Rangel, 1989-1990, 1994, 1995 e 1996) — entenda-se, erradamente na medida em que invocou o suposto carácter celtibérico destes artefactos. Particularmente interessante me parece o facto de idêntico contexto de utilização ter sido avançado para os exemplares do actual Marrocos (Boube-Piccor, 1987-

-1988). Para lá do tópico literário, poderemos estar, de facto, perante uma ruptura social, transmitida pelo confronto entre Viriato e o seu sogro Astolpas, no banquete das bodas do primeiro, narrado por Diodoro Sículo (33.7.1-3) onde nem falta a menção à rica baixela, como emblemático símbolo de riqueza. Como já houve a oportunidade de referir, outros indícios haverá de que, por esta época, o séc. II a.C., se teria assistido a um conjunto de transformações nas sociedades meridionais, que teriam acentuado a diferenciação de elites e a ruptura de velhos esquemas comunitários, tendo como principal consequência o bem conhecido banditismo social, verdadeira imagem forte das comunidades agrupadas sob a designação de *lusitanos*, nos textos dos Autores greco-latinos. A baixela metálica romana republicana, como serviço de bebida, poderia ter sido um elemento mais a caracterizar/sublinhar esta mutação social.

Toda esta interpretação esbarra, contudo, com uma dificuldade insuperável: a determinação dos reais utilizadores destes objectos. De facto, na Cabeça de Vaiamonte, documentou-se um conjunto de materiais que sugere a instalação de uma guarnição militar romana. Trata-se também do local que ofereceu uma mais abundante e diversificada panóplia, só comparável, localmente, à conhecida em Cáceres el Viejo, reconhecidamente um estabelecimento militar romano; não faltando, inclusivamente, em ambos locais, indícios de reparações em *simpula*. Assim, creio que não oferece discussão a mais que provável utilização destes objectos por soldados romanos. Difícil será determinar, de entre o conjunto de peças conhecidas, o que poderá ter pertencido a contextos genuinamente indígenas e o que deverá documentar usos romanos. Para além do mais, a enorme desproporção entre objectos conhecidos em locais extensamente escavados e os registados em outras paragens aconselha alguma prudência na valorização de presenças e ausências.

Também em outros locais parece evidente a relação entre exércitos e baixela metálica de bronze, como por exemplo, em Villasviejas del Tamuja, até pela proximidade relativamente a Cáceres, embora sem que pareça poder defender-se a possibilidade de ali terem estacionado tropas; ou, por razões contextuais mais concretas, na Lomba do Canho, Arganil, Pedrão, Setúbal e Castelo da Lousa, Mourão (Fig. 7). Assim, facilmente chegamos a uma verificação que me parece pacífica: a de que haverá locais onde o uso destes artefactos se encontrará intimamente associada à presença de romanos. Como pacífica será, afinal, a conclusão de que a sua difusão até à Península Ibérica e dentro dela, de tais objectos, se enquadra no mesmo movimento de artigos que para aqui trouxe cerâmicas finas, ânforas ou lucernas, ainda que o leque dos interessados neste conjunto de artigos seja potencialmente bastante diversificado — consumir vinho, não é o mesmo que assimilar as práticas convencionais que, no seio das sociedades grega ou romana, enquadravam este consumo.

Poder-se-á, então, supor que a presença de elementos de baixela romana republicana em bronze significa, necessariamente, presença de romanos?... Não creio que a resposta a essa questão seja simples. Nem sequer um critério de diversidade/quantidade se poderá invocar, uma vez que há mais diversidade e quantidade, por exemplo, em Mesas do Castelinho, Almodôvar, do que no Castelo da Lousa, Mourão, ou mesmo na Lomba do Canho, Arganil (para citar somente dois casos que também foram extensamente escavados), embora nos falem outros elementos que nos permitam supor que naquele local se instalaram romanos — falta, por exemplo, um abastecimento regular de moeda ou de lucernas, ainda que seja nítida a estreita relação entre os seus habitantes e o mundo romano meridional. A resposta será, por certo, a de que houve consumos entre romanos instalados (militares ou outros), como houve consumos indígenas, não parecendo fácil o estabelecimento de um critério de identificação/distinção entre uns e outros. Seguramente, uma datação precisa dos diferentes contextos, bem como a sua cuidada análise poderão fornecer alguns dados mais concretos e, quem sabe se futuramente, determinar cronologias destes processos de assimilação cultural e os modos em que os mesmos se processaram.

Interessante será, também, inquirir o que se bebia e de onde vinha aquilo que se bebia, uma vez que as referências literárias aos povos do interior apresentam-nos como bebedores de bebidas fermentadas, à base de cereais (“cervejas”) (Estrabão. III.3.7.); e nem os registos polínicos, nem a presença significativa de ânforas importadas permite supor que estas áreas fossem produtoras de vinho ou o recebessem regularmente de outras paragens. Neste particular, como já houve ensejo de comentar, o Raso de Candeleda, Ávila, constitui uma excepção, uma vez que a baixela metálica e os vasos de beber de “paredes finas” surgem em associação a um registo de grainhas de uvas. Em suma, pode dizer-se que se identificou um feixe convergente de elementos profundamente “romanizadores”, em meados do séc. I a.C., entre populações francamente interiores. No entanto, a “fronteira cultural” entre o mundo das bebidas fermentadas, à base de cereais (“cervejas”) e o do vinho é bastante plástica, como se pode ver, por exemplo, pelas estruturas identificadas no santuário de El Amarejo, Albacete, funcionalmente interpretadas como destinadas à produção de bebidas fermentadas de cereais (Broncano Rodríguez e Blánquez Pérez, 1985; Alfaro Arlegui e Broncano Rodríguez, 1993) e geograficamente situadas em uma área onde se presume que o vinho constituiria já um artigo nobre de consumo, por excelência.

O exemplo de El Amarejo parece-me particularmente útil e instrutivo, na medida em que nos alerta contra as generalizações apressadas. Insinua, também, uma interrogação, de momento, irresponível: a da possibilidade de recipientes de beber ou mesmo *simpula* e coadores se poderem relacionar com o consumo de bebidas outras, que não o vinho. Como se compreenderá, creio que estas observações sublinham a crucial importância que tem uma correcta consideração dos contextos em que se encontram os materiais, para melhor fundamentar as interpretações. No caso concreto das peças conhecidas no espaço hoje português, há que reconhecer que, em nenhum caso, se pôde determinar com segurança um contexto preciso de uso (entenda-se, no que importa para a identificação de qual seria a natureza da bebida consumida); no entanto, as já referidas estreitas ligações entre a sua difusão e a de outros artigos itálicos, como as ânforas vinárias, aliada à consistente possibilidade de boa parte destas peças estar relacionada com a presença de romanos, dá alguma verosimilhança à hipótese de se terem realmente destinado a consumos vînicos.

Assim, e à laia de conclusão, creio que se pode afirmar com alguma segurança que os elementos de baixela metálica de bronze, romanos republicanos, se encontram intimamente relacionados com o processo de assimilação cultural dos modos de vida romanos, independentemente de terem servido romanos, imigrantes itálicos ou de outras paragens (mas já fortemente aculturadas), ou mesmo as próprias elites indígenas, também elas em acelerado processo de assimilação dos novos hábitos sociais (entre os quais se encontrava não só o consumo do vinho, mas um contexto preciso para o mesmo, com a panóplia de objectos que tal implicava). A baixela metálica de bronze, enquanto conjunto de objectos utilitários, encontra-se estreitamente relacionada com o consumo do vinho. Não constituíam, porém, os únicos artigos de importação que lhe estavam associados. Ânforas e outras cerâmicas, vindas da Península Itálica ou de outras regiões hispânicas já “romanizadas” completavam o quadro; e, bem entendido, a sua presença implicava transporte e aquisição, o que faz destes objectos elementos interessantes para a apreciação do processo de extensão da viticultura no ocidente, como em outro local já referi (Fabião, 1998a). Como último detalhe, relevante para o caso, pode referir-se que, em todos os locais onde foram encontrados elementos de baixela metálica se encontraram também ânforas vinárias importadas, ainda que as quantidades registadas possam ser assinalavelmente distintas, em função das distâncias, relativamente ao litoral e aos portos de recepção, à eficácia das redes de transporte terrestre e à própria natureza do núcleo receptor; bem entendido, sem esquecer as dificuldades de deslocação que ânforas ou copos e jarros implicam.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. M. (1970) - Cálice de terra sigillata da oficina de C. Annii (filiado na obra de Rasinius). *Conimbriga*. Coimbra. 9, p. 1-6.
- ALARCÃO, A. M. (1996) - O jarro metálico do tipo Eggers 128. Antecedentes, variantes e imitações In MACIEL, M. J., ed. - *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri, p. 25-37.
- ALARCÃO, A.; ALARCÃO, J. (1967) - Alguns materiais da campanha de 1963. In PAÇO, A.; LEAL, J. B.; ALARCÃO, A.; ALARCÃO, J. - Castelo da Lousa (Mourão). Separata do *Boletim da Junta Distrital de Évora*. Évora. 6, p. 7-11.
- ALARCÃO, A.M. e PONTE, S. (1979) - Trouvailles diverses. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. (dir.) - *Fouilles de Conimbriga VII Trouvailles diverses, conclusions générales*. Paris: Diffusion de Boccard, p. 10-203.
- ALARCÃO, J., dir. (s/d [1996]) - *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* (Catálogo da Exposição). Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.
- ALARCÃO, J. (1973) - *Portugal romano*. Lisboa: Verbo.
- ALARCÃO, J. (1983) - *Portugal romano*. 3ª edição, revista. Lisboa: Verbo.
- ALFARO ARLEGUI, M.; BRONCANO, S. (1993) - Estado actual de las excavaciones arqueológicas en el Amarejo. In *Jornadas de arqueología albacetense en la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid: Serv. Publicaciones de La Junta de Castilla-La Mancha, p. 131-144.
- ALMEIDA, C. A. B. (1982) - Castelo de Neiva. *Boletim Cultural de Esposende*. Esposende. 1, p. 13-33.
- ALMEIDA, C. A. F. (1972) - O "oenokoë" romano, em bronze, de Vila Marim. *Revista da Faculdade de Letras - Série história*. Porto. 2, p. 179-187.
- ALMEIDA, C. A. F. (1974) - Influências meridionais na cultura castreja. Separata com numeração própria de *Revista da Faculdade de Letras. Série História*. Porto. 4-5.
- ALMEIDA, C. A. F. (1975) - *Escavações no Monte Mozinho (1974)*. Porto: Imprensa Portuguesa. (o mesmo texto foi editado pelo Centro Cultural Penafidéis, Penafiel, com data de 1974, o que constituirá, sem dúvida, uma "gralha" de impressão).
- ALMEIDA, C. A. F. (1980a) - Dois capacetes e três copos, em bronze, de Castelo de Neiva. *Gallaecia*. Santiago de Compostela. 6, p. 245-255.
- ALMEIDA, C. A. F. (1980b) - Importantes objectos em bronze de Castelo de Neiva. *Arqueologia*. Porto, p. 45-49.
- ALMEIDA, J. A. F. (1953) - Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Nova série. Lisboa. 2, p. 5-208.
- ARNAUD, J. M. (1968) - "Castelo Velho" de Veiros (Estremoz). Notícia da sua identificação. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 78: 1-2, p. 61-76.
- ARNAUD, J. M. (1970) - O "Castelo Velho" de Veiros (Estremoz) campanha preliminar de escavações de 1969. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1969)*. Vol. II, Lisboa: A. A. P., p. 311-328.
- ARRUDA, A. M. (1997) - *As cerâmicas áticas do castelo de Castro Marim no quadro das exportações gregas para a Península Ibérica, seguido por O corço, a kúlix e Dyonisos (uma breve nota sobre cerâmica e símbolos)*. Lisboa: Colibri (Arqueologia & História Antiga; 2).
- ARTHUR, M^a L. C. (1952) - Necrópolis de Alcácer do Sal (colección del Prof. Dr. Francisco Gentil). In *Crónica del II Congreso Nacional de Arqueología (Madrid, 1951)*, Zaragoza, p. 369-380.
- BANDERA ROMERO, M^a L. (1996) - Objectos de prata que acompañan a las tesaurizaciones. In CHAVES TRISTÁN, F. - *Los tesoros en el sur de Hispania. Conjuntos de denarios y objetos de plata durante los siglos II y I a.C.*. Sevilla: Fundación el Monte, p. 601-702.
- BEIRÃO, C. M.; SILVA, C. T.; SOARES, J.; GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (1985) - Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*. Série IV. Lisboa. 3, p. 45-136.
- BEIRÃO, C. M.; SILVA, C. T.; SOARES, J.; GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (1987) - Um depósito votivo da II Idade do Ferro, no sul de Portugal, e as suas relações com as culturas da Meseta. In *Studia Paleohispanica. Actas del IV Coloquio de Lenguas y Culturas Paleohispanicas, Vitoria*. Vitoria/Gasteiz. 2-3, p. 207-221.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1976) - *Arqueología y historia de las ciudades antiguas del Cabezo de Alcalá de Azaila (Teruel)*. Zaragoza (Monografías Arqueológicas; 19).
- BERROCAL-RANGEL, L. (1989) - Placas áureas de la Edad del Hierro en la Meseta occidental. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 46, p. 279-291.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1989-1990) - Cambio cultural y romanización en el suroeste peninsular. *Anas*. Mérida. 2-3, p. 103-122.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1992) - *Los pueblos célticos del suroeste de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense (Complutum-Extra; 2).
- BERROCAL-RANGEL, L. (1994a) - *El altar prerromano del Castrejón de Capote. Ensayo etnoarqueológico de un ritual céltico en el suroeste peninsular*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid (Excavaciones Arqueológicas en Capote (Betúria Céltica); 2).
- BERROCAL-RANGEL, L. (1994b) - La falcata de Capote y su contexto. Aportaciones a la fase tardía de la cultura Céltico-Lusitana. *Madridrer Mitteilungen*. Mainz. 35, p. 258-291.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1995a) - La Beturia. Definición y caracterización de un territorio prerromano. In *Celtas y Turdulos: La Beturia*. Mérida. (Cuadernos Emeritenses; 9), p. 153-204.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1995b) - Etnogénesis y territorio: jefaturas, estatalización y moneda entre los pueblos betúricos. In GARCÍA-

- BELLIDO, M.^a P.; CENTENO, R.M.S., eds. - *La moneda hispánica ciudad y territorio*. Madrid: CSIC (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 14), p. 117-128.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1995c) - Indoeuropeos, célticos y celtíberos en el territorio extremeño. *Extremadura Arqueológica*. Cáceres. 4, p. 123-149.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1996) - La formación de la identidad céltica en el suroeste peninsular. In *Celtas y Celtíberos realidad o leyenda (Actas de las Jornadas celebradas en la Univ. Complutense de Madrid del 27 de Febrero al 8 de Marzo de 1996)*. Madrid: U.C.A., p. 64-85.
- BOLLA, M.; BOUBE, C.; GUILLAUMET, J.-P. (1991) - Les situles. In FEUGÈRE, M.; ROLLEY, C. (eds.) - *La vaisselle tardo-républicaine en bronze (Actes de la table-ronde du CNRS organisée à Lattes du 26 au 28 Avril 1990)*. Dijon: Université de Bourgogne (Centre de recherches sur les techniques Gréco-Romaines, 13), p. 7-22.
- BOUBE-PICCOT, C. (1987-1988) - Anses de cruches bitroncoconiques a carene basse (type italique de la première moitié du 1er siècle avant J.-C.) découvertes au Maroc. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, 17, p. 231-261.
- BOUBE-PICCOT, C. (1991) - Les cruches. In FEUGÈRE, M.; ROLLEY, C., eds. - *La vaisselle tardo-républicaine en bronze (Actes de la table-ronde du CNRS organisée à Lattes du 26 au 28 Avril 1990)*. Dijon: Université de Bourgogne (Centre de Recherches sur les Techniques Gréco-Romaines; 13), p. 23-45.
- BRONCANO RODRÍGUEZ, S. (1989) - *El depósito votivo ibérico de el Amarejo. Bonete (Albacete)*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 156).
- BRONCANO RODRÍGUEZ, S.; BLÁNQUEZ PÉREZ, J. (1985) - *El Amarejo (Bonete, Albacete)*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueológicas en España; 139).
- CARANDINI, A. (1977) - Alcune forme bronzee conservate a Pompei e nel Museo Nazionale di Napoli. In *L'Instrumentum domesticum di Ercolano e Pompei nella prima età imperiale*. Roma: L'Erma di Bretschneider (Cuaderni di Cultura Materiali; 1), p. 163-168.
- CARBALLO ARCEO, L. X. (1983) - Aportación al estudio de las situlas en el occidente de la Península Ibérica. *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago de Compostela. 34:99, p. 7-32.
- CARVALHO, T. P. (1993) - *A terra sigillata de Monte Mozinho (contributo para a história económica do povoado)*. Porto: policopiado (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).
- CASTOLDI, M.; FEUGÈRE, M. (1991) - Les simpulums. In FEUGÈRE, M.; ROLLEY, C., eds. - *La vaisselle tardo-républicaine en bronze (Actes de la table-ronde du CNRS organisée à Lattes du 26 au 28 Avril 1990)*. Dijon: Université de Bourgogne (Centre de Recherches sur les Techniques Gréco-Romaines; 13), p. 61-88.
- CORTEZ, F. R. (1950) - Objectos de liturgia visigótica encontrados em Portugal. *O Instituto*. Coimbra. 114, p. 52-92.
- COSTA, A. I. M. (1910) - Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal. Appendice - homem protohistorico, Idades do Bronze e do Ferro no castro de Chibanes. *O Archeologo Português*. Lisboa. 15, p. 55-83.
- DELGADO, M. (1971) - Cerâmica campaniense em Portugal. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. 2, Coimbra, p. 403-420.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J.; RODRÍGUEZ DÍAZ A. (1988) - Campaña de urgencia en la Sierra de la Martela (Segura de León, Badajoz). *Extremadura Arqueológica*. Cáceres. 1, p. 113-128.
- FABÍÃO, C. (1996) - O povoado fortificado da Cabeça de Vaia Monte (Monforte). *A Cidade - Revista Cultural de Portalegre*. Nova Série. Lisboa. 11, p. 31-80.
- FABÍÃO, C. (1998a) - O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 169-198.
- FABÍÃO, C. (1998b) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Lisboa: policopiado (Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. (1986) - *Excavaciones arqueológicas en El Raso de Candeleda*. 2 vols. Ávila: Institución "Gran Duque de Alba", Diputación Provincial de Ávila.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. (1993) - El Raso de Candeleda (Ávila). De la prehistoria a la romanización. In *El Proceso histórico de la Lusitania oriental en época prerromana y romana* (Cuadernos Emeritenses; 7). Mérida, p. 145-188.
- FERNÁNDEZ-POSSE, M. D.; MONTERO, I.; SÁNCHEZ-PALENCIA, F. J.; ROVIRA, S. (1993) - Espacio y metalurgia en la cultura castreña: la zona arqueológica de las Médulas. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 50, p. 197-220.
- FERREIRA, C. J. A. (1992) - Escavações no povoado fortificado das Mesas do Castelhinho (Almodôvar). Relatório preliminar. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 19-37.
- FERREIRA, O. da V. (1977) - Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados, inéditos ou pouco conhecidos (3.^a Parte). Separata de *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. 3.^a série. Lisboa, 83.
- FEUGÈRE, M. (1991a) - La vaisselle tardo-républicaine en bronze: une recherche à définir. In FEUGÈRE, M.; ROLLEY, C., eds. - *La vaisselle tardo-républicaine en bronze (Actes de la table-ronde du CNRS organisée à Lattes du 26 au 28 Avril 1990)*. Dijon: Université de Bourgogne (Centre de Recherches sur les Techniques Gréco-Romaines; 13), p. 1-6.

- FEUGÈRE, M. (1991b) - Les gobelets. In FEUGÈRE, M.; ROLLEY, C., eds. - *La vaisselle tardo-républicaine en bronze (Actes de la table-ronde du CNRS organisée à Lattes du 26 au 28 Avril 1990)*. Dijon: Université de Bourgogne (Centre de Recherches sur les Techniques Gréco-Romaines; 13), p. 53-59.
- FEUGÈRE, M.; ROLLEY, C., eds. (1991) - *La vaisselle tardo-républicaine en bronze (Actes de la table-ronde du CNRS organisée à Lattes du 26 au 28 Avril 1990)*. Dijon: Université de Bourgogne (Centre de Recherches sur les Techniques Gréco-Romaines; 13).
- GALEANO CUENCA, G.; GIL FERNÁNDEZ, R. (1994) - Bronces romanos del sur de la Provincia de Córdoba. *Antiquitas*. Priego de Córdoba. 5, p. 60-68.
- GAMITO, T. J. (1981) - A propósito do Castro de Segóvia (Elvas). Resistência a Roma no Sudoeste peninsular. *História*. Lisboa. 29, p. 32-43.
- GAMITO, T. J. (1982) - A Idade do Ferro no sul de Portugal: problemas e perspectivas. *Arqueologia*. Porto. 6, p. 65-78.
- GAMITO, T. J. (1988) - *Social complexity in south west Iberia, 800-300 BC. The case of Tartessos*. Oxford. B.A.R.-I.S., 439.
- GAMITO, T. J. (1996) - O castro de Segóvia e a componente céltica em território português. In ALARCÃO, J., ed., s/d [1996] - *De Ulisses a Viriato. O Primeiro Milénio a.C.* (Catálogo da Exposição). Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia, p. 107-111.
- GARCÍA-MAURIÑO MÚZQUIZ, J. (1993) - Los cascos de tipo Montefortino en la Península Ibérica. Aportaciones al estudio del armamento de la IIª Edad del Hierro. *Complutum*. Madrid. 4, p. 95-146.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; BEIRÃO, C. M. (1986) - O Cerro da Rocha Branca (Silves) - resultados preliminares de três campanhas de escavações. *4º Congresso do Algarve*.
- GUILLAUMET, J.-P. (1991a) - Les passoires. In FEUGÈRE, M. e ROLLEY, C. (Eds.) - *La vaisselle tardo-républicaine en bronze (Actes de la table-ronde du CNRS organisée à Lattes du 26 au 28 Avril 1990)*. Dijon: Université de Bourgogne (Centre de Recherches sur les Techniques Gréco-Romaines; 13), p. 89-95.
- GUILLAUMET, J.-P. (1991b) - La Gaule Chevelue. Similitudes et Differences dans la vaisselle métallique des tombes et habitats de l'Europe tempérée. In FEUGÈRE, M.; ROLLEY, C., eds. - *La vaisselle tardo-républicaine en bronze (Actes de la table-ronde du CNRS organisée à Lattes du 26 au 28 Avril 1990)*. Dijon: Université de Bourgogne (Centre de Recherches sur les Techniques Gréco-Romaines; 13), p. 193-197.
- HAWKES, C. F. C. (1971) - *North-Western Castros: Excavation, Archaeology and History*. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*, vol. I, Coimbra, p. 283-286.
- HELENO, M. (1956) - Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Nova série. Lisboa. 3, p. 221-237.
- HELENO, M. (1962) - A "villa" lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte). *O Arqueólogo Português*. Nova série. Lisboa. 4, p. 314-338.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F. (1993) - El yacimiento de Villasviejas y el proceso de romanización. In *El Proceso histórico de la Lusitania oriental en época prerromana y romana*. Mérida. (Cuadernos Emeritenses; 7), p. 115-143.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F.; GALÁN DOMINGO, E. (1996) - La necrópolis de "El Mercadillo" (Botija, Cáceres). *Extremadura Arqueológica*. Cáceres. 6.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F.; RODRÍGUEZ LÓPEZ, M. D.; SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M. A. (1989) - *Excavaciones en el castro de Villasviejas del Tamuja (Botija, Cáceres)*. Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- HÖCK, M. (1985) - Verzierte Bauteile aus Castros im Nordwesten der Iberischen Halbinsel. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 26, p. 243-256. Há uma versão portuguesa deste artigo, (1984) - Acerca dos elementos arquitectónicos decorados de castros do noroeste peninsular. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 94, p. 390-405, que, no entanto, não inclui toda a iconografia do original alemão.
- HÖCK, M. (1986) - *Studien zur Sogenannten "Castro-Kultur"*. Marburg: policopiado (dissertação de doutoramento apresentada à Philipps-Universität de Marburg).
- JONCHERAY, J.-P. (1987) - L'épave romaine de Taillat. *Cahiers d'Archéologie Subaquatique*. 6, p. 127-150.
- LANCHA, J.; ANDRÉ, P. (1994) - La campagne de la région d'Évora à l'époque impériale: mise à jour des recherches récentes. In GORGES, J.-G.; SALINAS DE FRÍAS, M., eds. - *Les campagnes de Lusitanie romaine. Occupation du sol et habitats (Actes de la table-ronde, Salamanque, 1993)*. Madrid/Salamanca: Casa de Velázquez - Ed. Universidad de Salamanca, p. 189-202.
- MAIA, M. (1986) - Os castella do Sul de Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 27, p. 195-223.
- MARTÍN VALLS, R. (1990) - Los "simpula" celtibéricos. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 56, p. 144-169.
- MARTINS, M. (1988) - Moldes de síntulas com decoração geométrica encontrados em Braga. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. 5, p. 23-33.
- NUNES, J. C. (1958) - Novos elementos para o estudo da arte castreja em Portugal. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 68, p. 5-17.
- NUNES, J. C.; FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1989) - O acampamento militar romano da Lomba do Canho (Arganil): ponto da situação. In *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu (Viseu, 1988)*. Viseu: Governo Civil, p. 403-424.
- PALLARÉS SALVADOR, F. (1979) - La nave romana di Spargi. Relazione preliminare delle campagne 1977-1980. *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera. 45:1-4, p. 147-182.
- PALLARÉS SALVADOR, F. (1986) - Il relitto della nave romana di Spargi. Campagna di scavo 1958-1980. *Bollettino d'Arte - Supplemento Archeologia Subacquea*. Roma. 3, p. 89-102.

- PERNOT, M. (1991) - Vaisselle et technologie des alliages base cuivre. In FEUGÈRE, M.; ROLLEY, C., ed. - *La vaisselle tardo-républicaine en bronze (Actes de la table-ronde du CNRS organisée à Lattes du 26 au 28 Avril 1990)*. Dijon: Université de Bourgogne (Centre de Recherches sur les Techniques Gréco-Romaines; 13), p. 131-137.
- PORTUGAL (1989) - *Portugal das origens à época romana*. Lisboa: MNAE/IPPC. *Portugal das origens à época romana. Lista de peças em exposição*. s./l.[Lisboa]: MNAE/IPPC.
- POZO RODRÍGUEZ, S. (1998) - La vajilla bronceínea romana en el Museo Histórico Municipal de Priego de Córdoba. *Antiquitas*. Priego de Córdoba. 9, p. 45-54.
- QUESADA SANZ, F. (1997) - *El armamento ibérico. estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas de la cultura ibérica (siglos VI-I a.C.)*. 2 vols. Montagnac: Monique Mergoïl.
- RADDATZ, K. (1969) - *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel vom Ende des Dritten bis zur Mitte der Ersten Jahrhunderts von Chr. Geb. Untersuchungen zur Hispanischen Toreutik*. Berlin (Madrider Forschungen; 5).
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (1989) - La Segunda Edad del Hierro en la Baja Extremadura: problemática y perspectivas en torno al poblamiento. *Saguntum*. Valencia. 22, p. 165-224.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (1991) - "Proyecto Hornachuelos": 1986-1990 (Ribera del Fresno, Badajoz). In *I Jornadas de Prehistoria y Arqueología en Extremadura (1986-1990)*. In *Extremadura Arqueológica*. Cáceres. 2, p. 283-300.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A.; JIMÉNEZ ÁVILA, F.J. (1987-1988) - Informe sobre las excavaciones realizadas en el yacimiento de Hornachuelos, Ribera del Fresno (Badajoz). 1986-1988. *Norba*. Cáceres. 8-9, p. 13-31.
- SANTOS, M.^a L. E. V. A. (1971) - *Arqueologia romana do Algarve (subsídios)*. Vol. 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- SCHUBART, H. (1977) - Morro de Mesquitilla. Vorbericht über die Grabungskampagne 1976 auf dem Sie dargs Hügel aus der Algarrobo-Mündung. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 18, p. 33-61.
- SCHUBART, H. (1979) - Morro de Mesquitilla. Informe preliminar sobre la campaña de excavaciones 1976. *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 6, p. 175-218.
- SCHÜLE, W. (1969) - *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*. 2 vols. Berlin (Madrider Forschungen; 3).
- SCHULTEN, A. (1929) - *Numantia. Die Ergebnisse Der Ausgrabungen 1905-1912. Band IV - Die Lager Bei Renieblas*. München: F. Bruckmann.
- SILVA, A. C. F. (1986) - *A cultura castreja no noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, J. C. (1946) - Apontamentos e considerações sobre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos concelhos de S. Tiago-de-Cacém, Sines e Odemira. *Arquivo de Beja*. Beja. 3:3-4, p. 336-351.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1973) - Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). In *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1972)*. Vol. I. Lisboa, p. 245-305.
- SOEIRO, T. (1984) - *Monte Mózinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana*. Penafiel - Boletim Municipal de Cultura. Penafiel. 3ª Série, 1.
- TAILLIEZ, C. (1961) - Travaux de l'été 1958 sur l'épave du "Titan", à l'île du Lévant (Toulon). In *Atti del II Congresso Internazionale di Archeologia Sottomarina (Albenga, 1958)*. Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri/Museo Bicknell, p. 175-198.
- TCHERNIA, A. (1990) - Contre les épaves. In DUVAL, A.; MOREL, J.-P.; ROMAN, Y., eds. - *Gaule interne et Gaule méditerranéenne aux IIe et Ier siècles avant J.-C. Confrontations chronologiques (Actes de la table-ronde de Valbonne, 1986)*. Paris: CNRS (Supplément 21 de *Revue Archéologique de Narbonnaise*), p. 291-301.
- TENDILLE, C. (1981) - Mobiliers métalliques protohistoriques de la région nimoise: instruments de toilette et vaisselle (IV). *Revue d'Archéologie Méridionale*. 4, p. 61-82.
- ULBERT, G. (1984) - *Cáceres el Viejo. Ein Spätrepublikanisches Legionslager in Spanisch-Extremadura*. Berlin (Madrider Beiträge; 11).
- VASCONCELLOS, J. L. (1913) - *Religiões da Lusitania na parte que principalmente se refere a Portugal*. 3º vol., Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, J. L. (1933) - *Antiguidades alentejanas. O Archeologo Português*. Lisboa. 29, p. 173-185.
- WAHL, J. (1985) - Castelo da Lousa. Ein Wehrgeöft caesarisch-augusteischer Zeit. *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 26, p. 150-176.
- WERNER, J. (1954) - Die Bronzekanne von Kelheim. *Bayerische Vorgeschichtsblätter*. 20, p. 43-72.
- WERNER, J. (1978) - Zur Bronzekanne von Kelheim. Rückblick und Ausblick. *Bayerische Vorgeschichtsblätter*. 43, p. 1-17.

NOTAS

Professor Auxiliar do Departamento de História da FLUL
 Investigador do Centro de Arqueologia da FLUL
 Alameda da Universidade 1699 LISBOA CODEX
 cfabiao@mail.doc.fl.ul.pt